

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistadores: Ingrid Regina Coelho Koritar, Maria Carolina Freitas de Azevedo, Priscila Akimi Hayashi e Vinicius Hiroshi Tida Omatsu

Entrevistada/e: Janaína Neves de Oliveira e Bennê de Oliveira

São Paulo, 6 de junho de 2023

Duração: 2h16 (duas horas e dezesseis minutos)

Realizada na plataforma Google Meets

Priscila: Bom, vou começar, então... Bom, hoje é dia 6 e junho de 2023, agora são 16h17 da tarde, e eu, Priscila, a Maria Carolina, a Ingrid e o Vinicius estamos em uma videochamada com Janaína e Bennê de Oliveira, para realizarmos uma entrevista para a disciplina de História Oral na construção de um ensino de arte decolonial e pluriversalista do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Antes de mais nada, eu queria agradecer mais uma vez por vocês aceitarem conversar com a gente hoje eu queria perguntar se vocês autorizam a gravação desta chamada.

Bennê: Autorizamos. Você autoriza? [se dirige à Janaína]

Janaína: Sim, com certeza.

Priscila: Ok, então, perfeito. A gente pode começar, posso já encaminhar a primeira pergunta, grupo?

Ingrid: Claro.

Vinicius: Uhum.

Priscila: Bom, então, a gente queria que vocês comessem se apresentando, contando um pouco, falando quem são vocês, e contando um pouco assim da profissão de vocês, o que vocês fazem, um pouco a trajetória também, pode ser?

Bennê: Poder ser. Uma vibe meio, meio... Tô me sentindo se eu tivesse num julgamento. Então assim, existe a promotoria, a promotoria acabou de perguntar sobre a minha vida de forma pessoal. Então, por favor, júri, não julgue nossas escolhas. Mas é isso, você quer começar? Você quer falar de você? [dirige-se à Janaína]

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

Janaína: É, pode ser. Eu me chamo Janaína, é, tenho 50 anos, sempre, toda a vida fui empregada doméstica, não fui pra outros ramos, de jeito nenhum. Até que fiz secretária, curso de secretariado, mas não foi pra frente. Porque na primeira chance que me deram pra eu trabalhar num escritório, quer dizer, eles botaram eu como se fosse tipo um... Um teste. E eu acho que eu sou muito malcriada, gente. Não dá pra trabalhar com o público não, pelo telefone não.

Bennê: Ela é muito malcriada.

Janaína: Sou bem explosiva, sabe? Se a pessoa fizer assim, fizer uma reclamação eu não... Eu penso que eu tô em casa e vou dar um fora...

Bennê: É, tipo, se você sai na rua, é, você fica fugindo de briga, aí fico: “*mainha*, pelo amor de deus, não diga isso, a gente vai apanhar na rua!” E ela: “qualquer coisa se apanhar tu me defende”, eu fico: “não, *mainha*, eu corro! Eu finjo que não lhe conheço, viu? Eu vou fingir que eu não lhe conheço”, ela é bem arrumadora de confusão.

[Janaina ri]

Bennê: É isso...

Janaína: Não, não dava pra ser, trabalhar com o público não. Eu ainda sou brava com a minha patroa, quanto mais se eu trabalhasse com o público.

Bennê: É, ela é braba no trabalho, ela dá uns foras que é assim, é só os vinte anos de carreira dela que segura ela lá, agora que ela tá ficando cada vez mais rebelde.

Janaína: É, mais velha, mais rebelde.

Bennê: Passando pela segunda puberdade do ser humano, que é os 50, está mais rebelde do que nunca... É, então, assim, minha mãe sempre foi empregada doméstica, eu... Apesar desse contexto familiar, minha mãe e meu pai me deram muito apoio pra ser uma pessoa que explora e faz o que tem vontade realmente de ser feito, minha mãe mais do que meu pai, minha mãe é uma pessoa que dá muito apoio enquanto iniciar essa carreira. Eu acho que eu, como a maioria das pessoas que desenham, desenham desde sempre, e é aquela coisa que você começa a fazer arte em algum momento da sua infância, você só nunca para. Então, tipo, ensino médio eu fazia alguns desenhos pra juntar dinheiro assim, pra conseguir comprar coisas pra mim mesmo, coisa pequena, sabe? Você faz um desenho de dez reais pra pessoa, umas coisas assim muito, muito pequenas e que foi também me dando um pouco de

confiança. Eu acabei entrando na graduação de biologia, eu cheguei a terminar o curso de ciências biológicas. Mas eu, em algum momento, senti que não era meu negócio, sabe assim? Que não era meu negócio, por mais interessada que eu fosse, eu acho que eu tenho uma paixão muito grande por contar histórias. Eu gosto dessas pequenas histórias do cotidiano, eu gosto dos pequenos diálogos que você consegue ter com as pessoas próximas a você, e como isso acaba atraindo também as outras pessoas, sabe? Porque são diálogos comuns, são diálogos pequenos e em algum momento da minha vida - eu tenho certa clareza sobre isso - eu tinha um amigo na faculdade que ele tem um sobrenome alemão, que aqui em Recife, sobrenomes muito diferentes não são comuns em Recife, tanto quanto são comuns em São Paulo. Recife não é uma cidade com uma quantidade muito grande de imigrantes e descendentes de imigrantes. Tanto que eu brinco que eu não vejo asiático aqui, raramente se vê, ou a galera realmente tá numa comunidade chinesa que é bem fechada entre si e tem pouca abertura com o brasileiro, de forma mais aberta, ou você realmente não vê. Então, assim, a gente não tem uma grande migração. E esse meu amigo tem um sobrenome alemão e ele conseguia ir atrás de rastrear certas, até certos antepassados da família dele, e eu fui tentar fazer o mesmo. Só que eu tenho só os dois sobrenomes mais comuns, assim, e minha mãe tem um sobrenome muito comum, o sobrenome de solteira da minha mãe é Silva, o sobrenome do meu pai é Oliveira, o outro sobrenome do meu pai é Santana, Neves... É, tipo assim, são sobrenomes que tem uma quantidade muito grande de gente e eu comecei a sentir que meus antepassados, eles não existiam, sabe? Eu não ia conseguir, não existiria nada na história que conseguisse conservar as pessoas que eu tive origem. Não existia nada na história que conseguisse conservar as minha mãe independente do quanto eu achasse ela uma pessoa brilhante, uma pessoa com muitas qualidades e muito geniosa, sabe? Não existiria nada, socialmente falando, que permitisse que minha mãe fosse uma pessoa lembrada na história, ou que minha família fosse lembrada por qualquer coisa na história, ou que fosse um nome que destoasse de qualquer coisa e qualquer situação. A gente seria só mais uma família brasileira, com sobrenome português e um óbvio passado de escravidão e abuso, porque metade da minha família é indígena, da tribo Xucuru de Pesqueira, que é um tribo daqui de Pernambuco e a outra metade é simplesmente negra. Então, assim, eu comecei a produzir também com essa vontade meio que silenciosa de fazer com que essas pessoas e esses pequenos diálogos, essa pequena vivência suburbana comum e banal, ela fosse imortalizada de alguma maneira, sabe? De que eu conseguisse imortalizar isso de alguma maneira. Pessoas pretas, pessoas periféricas existem, existem sofrimentos, tragédias e até mesmo sabores, existe certa graça, existe certo humor na forma com que a gente vive, na forma com que a

gente lida com esses problemas. E eu comecei a ganhar gosto por tentar imortalizar essas pessoas assim, principalmente minha mãe que é uma mulher que dedicou muito da vida dela ao trabalho, e muito da vida dela ao cuidado doméstico também, tanto da nossa casa quanto na casa de outras pessoas, e que tinha absolutamente tudo, tudo, pra jamais ser lembrada por nada e registrada por nada. Minha mãe tinha tudo pra, historicamente falando, dentro da nossa dinâmica familiar pra não ser lembrada por nada. Então, assim, meu trabalho, ele gira muito em torno de imortalizar pessoas cotidianas. Mesmo que não seja por nome, mesmo que não seja por nada assim tão marcante, mas é uma forma de dizer assim: “existe um prazer em viver, existe um prazer em existir, existe um prazer em manter essas pessoas preservadas na história”, sabe? Então, assim, é menos por mim e mais pelo meu povo. Eu realmente penso assim, é menos sobre ser a Bennê de Oliveira, tanto que muita gente não se liga, não lê o Instagram e não sabe que meu nome é Bennê, por exemplo. A galera se liga que existe o *leve.mente.insana*², muita gente acha que são personagens fictícios, de que não são pessoas reais, porque a galera consome as tirinhas mas não necessariamente lê as legendas, não necessariamente tá, tá ligada naquilo. Então, por exemplo, ah, eu gosto de falar da minha mãe, eu gosto de falar do meu irmão e pensar também que meu irmão, ele tá dentro desse grupo brasileiro que não é só um grupo marginalizado, mas é um grupo assassinado e um grupo assassínvel. Meu irmão enquanto homem, jovem e preto, existem vários estereótipos e várias noções do que é esperado dele de comportamento, certas coisas, que pra mim, eu não vejo, ele é só meu irmão caçula, tá ligado? Ele é só meu irmão caçula. Ele é um irmão caçula musculoso gigante? É, é um irmão caçula musculoso gigante, mas ele só é meu irmão caçula, sabe? Eu olho pra ele como se ele fosse um moleque. É também dar essa chance de permitir um entretenimento leve com histórias e com pessoas que acabam aparecendo sempre de uma forma muito violenta, sabe? A gente é só uma família, só uma família, tanto que eu tinha até conversado em algum momento com Ingrid sobre isso, sobre como essa visão do meu trabalho ser uma parada assim “Ah, você tá falando sobre pautas raciais”, às vezes me deixa até um pouco desconfortável porque não é como se eu estudasse sobre isso. Eu não tenho uma visão teórica sobre isso, eu não me preocupei em nenhum momento em ser teórica sobre isso, quando eu falei dos lados negativos foi por experiência própria e quando eu tento fazer meu conteúdo básico, eu tento dar uma representatividade real, mas não, nem sempre, nem sempre marcada pela violência do país, de pessoas que podem só existir, sabe? Podem só existir. A gente não é uma vítima perpétua do racismo assim, é, somos, sim, mas na nossa

² @leve.mente.insana: página no Instagram onde Bennê publica semanalmente suas tirinhas.

vivência cotidiana não é uma parada que a gente tá pensando o tempo todo, sabe? A gente não tá pensando o tempo todo nisso, não são personagens que estão presos só a isso. Não é porque eu vou botar um personagem preto, vou botar um personagem periférico que ele vai ter que necessariamente passar por uma história de sofrimento, que às vezes é quase uma marca do que a gente vê, as pessoas tentando passar essa mensagem, sabe? “Ah, ele é um personagem preto, então, vamos falar mais das dificuldades”, não, vamos falar um pouco dos prazeres também, vamos falar um pouco da bobagem, vamos dar chance dessas pessoas simplesmente viverem e é o que eu acabo focando no meu trabalho principalmente no *leve.mente.insana*, ele é muito autoral e autobiográfico, e o meu foco é simplesmente escolher, selecionar coisas que acontecem no meu dia e contar essa história pra outras pessoas, porque eu sei, eu sei, que eu estou falando por outras pessoas. Eu sei que eu tô dando chance pra outras pessoas encararem, ou viverem, ou rirem de situações cotidianas. Eu sei, porque existem os comentários, as pessoas se relacionam com o material dessa maneira, tem gente que vem me mandar DM³ às vezes, falando assim: “Poxa, ah, tal coisa acontece na minha casa, acontece com a minha mãe, acontece de tal jeito...”. Teve uma vez que eu tava numa feira que eu adorei o comentário do cara que é, ele disse assim: “Eu gosto das suas tirinhas de família porque às vezes eu sou o filho e às vezes eu sou o pai”. Então, tipo, ele consegue se relacionar com a paternidade ali, com o cuidar de uma pessoa mais jovem, ou com o ser o filho da mãe dele assim, e como pra mim é importante falar de família, eu gosto de falar sobre família, mais do que necessariamente falar sobre qualquer outra coisa eu gosto de falar de família. Então, eu acho que é isso, eu diria que eu sou uma pessoa que se interessa por relações familiares mais do que, e relações familiares e cotidianas e aquilo que talvez você não imaginasse sendo necessariamente representado, ou feito, ou imortalizado em uma tirinha, porque eu sou pobre, se eu pudesse eu gravaria, filmaria, acho que se eu pudesse eu animaria, tá ligado? Mas não tá dentro das minhas capacidades, eu só sei desenhar bonequinho, tá ligado? É como eu acabo pensando. Mas eu acho que pra me apresentar é isso. eu sou uma... Uma quadrinista do cotidiano.

Priscila: Obrigada, Bennê...

Bennê: Desculpa, gente...

Priscila: Pode falar.

Bennê: Por falar meia hora.

³ *Direct Message*: Mensagens diretas de modo privado pelo *Instagram*.

Vinicius: Não, eu acho que tem que ser assim mesmo, meu. E eu acho que você falou muito bem, inclusive, você já trouxe muitas coisas que a gente ia elencar conforme a entrevista fosse rolando, então, tipo, eu achei super bom esse nosso papo aqui.

Ingrid: Eu não sei se é só pra mim, mas o Vinicius parece que tá meio tiltado⁴ assim.

Bennê: Tá meio tiltado.

Vinicius: O microfone também, ou só a câmera?

Ingrid: O microfone também.

Vinicius: Ai, caraca...

Ingrid: Mas agora ficou de boa, foi só a hora que você queria fazer um comentário legal assim.

[Risos]

Janaína: Chore não. [Risos]

Ingrid: Então, eu acho que a gente pode fazer agora mais uma pergunta? Vocês estão bem?

Bennê: Claro, fica à vontade.

Ingrid: Então, eu acho que assim, eu queria perguntar pra Janaína se você lembra quando Bennê começou a desenhar. Você tem essa lembrança assim?

Janaína: Ela diz assim, fui eu que comecei a incentivar ela, porque quando ela começou os passinhos de desenhar na escola, o desenho era péssimo. A cabeça da boneca parecia uma xícara, você faz uma xícara, bota uma franjinha e faz o corpo violão, aí...

Bennê: Esse foi o meu primeiro tutorial de desenho, minha mãe me ensinou a desenhar uma cabeça de xícara e uma bailarina.

Janaína: É, uma bailarina. A perna fininha, e era tudo: pé, perna, tudo.

Bennê: Ela sabe fazer bem bonitinho assim, uma bailarina padrão.

Janaína: Mas, quando ela começou mesmo a desenhar bem, eu não consigo me lembrar não, já era no... Na oitava série, não consigo me lembrar aonde ela começou não.

⁴ Tiltar: termo para se referir quando alguma coisa está ruim ou com problema.

Bennê: Eu lembro que a gente tinha uma vizinha que às vezes ia brincar lá em casa, aí a gente inventava de fazer concurso de desenho, eu e essa vizinha. E eu, no meu coração, queria que minha mãe dissesse que meu desenho era melhor, porque ela que era a juíza, mas ela nunca dizia. Aí ficava assim: “Mas o meu claramente é o melhor”, aí ela: “Mas eu não posso dizer isso porque você é minha filha”. [Risos]

Janaína: Porque se eu dissesse assim: “É o dela” [aponta para Bennê], a menina ia dizer: “Ah, você é a mãe dela”, aí eu votava no da menina, né? Aí, ela ficava furiosa, né? Porque ela queria que eu votasse nela.

Bennê: É, o artista tem o ego, né? Eu?

Vinicius: É...

Bennê: Oh, eu obviamente tinha ali, oh, dedicado minha vida, sabe? Cores, entendeu? Dando minha vida no desenho com oito anos de idade, chega minha mãe...

Janaína: Isso geral, né? Podia vir brincar aqui porque eu tinha que votar contra.

Bennê: É, ela era sempre a juíza, mas aí chega numa idade que você entende que ela não era a melhor pessoa.

Janaína: Aí tem uns pequenos traumas aí. [Risos]

Bennê: No caminho, é...

Janaína: No caminho de Izabella.

Bennê: Ah, é isso, né? Oi, meu nome na verdade é Izabella...

Janaína: E eu não consigo.

Bennê: Ela vai se referir a mim como Izabella porque o Bennê é o nome que eu escolhi pra trabalhar. Bennê, na verdade, foi o seguinte, em algum momento da minha vida eu queria fazer tirinha pra Facebook, eu era pirralha, sei lá, 15, 16 anos. Era o auge de tirinhas no Facebook, aquelas tirinhas do Wesley, tá ligado? E eu achei interessante, só que eu queria fazer e eu não queria que nenhum amigo meu da escola me julgasse, porque obviamente tava uma bosta. Então, ao mesmo tempo que eu não queria que ninguém me julgasse, eu queria que alguém julgasse a tirinha. Queria que alguém visse pra poder dizer se tava, o que acertar, o que melhorar, entendeu? E eu peguei o Bella Neves, porque todo mundo me chama de Bella, na família, então, eu peguei o Bella e o Neves e virou Bennê, eu juntei e eu fiz os

dramas de Bennê. Era uma página de tirinha que eu fiz com 15, 16 anos, 14, 15 anos, não sei, eu ainda era muito louca. E é onde surgiu Bennê Drama! Meu e-mail de contato é Bennê Drama porque foi o e-mail que eu criei pra poder criar essa conta no Facebook, e fazer essa página. Então, tipo, ela vai se referir a mim muito como Izabella.

Janaína: Eu não consigo...

Bennê: Porque ela não consegue.

Janaína: Eu não consigo pegar esse nome dela artístico, então, tem que ser...

Bennê: Ela só usa quando ela tá com raiva.

Janaína: Aí, às vezes ela tá com raiva, ela fica me chamando de Benedita. Mas é só na raiva.

Janaína: As feiras que eu vou com ela, eu me esqueço totalmente que é Bennê. Aí eu fíco: "Izabella!" Aí, ela... [aponta para Bennê] adora.

Bennê: A senhora está apagando, está acabando com a minha imagem artística, a senhora está destruindo! A pessoa vai lá, tenta botar um nome, fazer um nome pra jogo, e a pessoa destruindo meu nome.

Janaína: [Risos]. As pessoas ficam assim: "Ué, Izabella?" Aí eu "Não, Bennê".

Bennê: Não, todo mundo fica em trauma, na verdade, eu viro uma grande mentirosa, uma grande caluniadora, uma falsária, entendeu?

Vinicius: [Risos]

Bennê: Mas quem é que vai fazer um negócio com o nome de Bela Neves, que é o nome mais goiaba que eu já vi em toda minha vida, é um nome muito simples, tem sete mil Belas. Bota aí "Bela arte" no Facebook, no Instagram e no TikTok pra tu ver se não aparece 50 mil pessoas. Entendeu? O Bennê pelo menos eu gosto porque você fica ali no mistério, pode ser um idoso de 60 anos, pode ser uma pessoa alternativa, entendeu? Você não sabe exatamente, o Bennê tem um misticismo que pra mim é mais divertido.

Ingrid: Mas e se for só um Belinha Drama, assim? Tipo um nome de cachorro. [Risos]

[Risos]

Janaína: Não dá, gente...

Bennê: [Risos]

Janaína: Tu quer botar Belinha Drama?

Bennê: Não! É horrível! Parece nome de skatista, sei lá... Tá ligado? Belinha Drama: “E aí, pessoal? Meu canal de skate, Belinha Drama, hoje a gente vai mostrar pra vocês como é que faz um *flip*⁵, valeu?”, tá ligado? Não, muito ruim.

Ingrid: Você falou do patins, ué... Belinha Drama do patins.

Bennê: Oh, Belinha não funciona, porque Belinha é nome de cachorro, não funciona. É uma humilhação, entendeu? Belinha virou nome de cachorro de vó, faz pelo menos uns quinze anos.

Vinicius: Pior que é..;

Bennê: Assassinaram o Belinha. Meu orientador me chamava e Belinha [dirige-se a Janaína], mas assim, ele era um velho aí você consegue... Ele era um querido.

Vinicius: Ai, gente...

Bennê: Bora, bora, próxima pauta...

Priscila: [Risos] É, a Bennê contou um pouquinho, né? Como ela começou a desenhar, fala que desenha desde criança. Janaína também mostrou que teve um incentivo da parte ela, né? Muito interessante você contar isso, que você achava o desenho dela feio e ensinou ela a desenhar, e aí a gente queria que você contasse um pouquinho mais assim, com um pouco mais e detalhes, como que foi assim, esse gosto pra você, sabe, Bennê? Esse gosto por desenho, né? Essa coisa que começou na sua infância, teve influência da sua mãe, mas o que mais assim, fez você gostar disso? E como você começou, né?

Bennê: Quem disse que eu gosto? Eu odeio, eu preferia... É uma maldição, eu só não consigo parar, não consigo parar, quem disse que eu amo? [Risos]. Não, mas assim... [Pausa] É, existem muitos tons sobre o nascimento, pelo menos, da minha carreira, enquanto quadrinho, porque ele vai ali numa, ele pega uma tangente com meu gosto por escrever. Então, assim, eu não sou uma pessoa que escreve, eu não tenho muita confiança sobre minha escrita nesse sentido mais amplo assim, não me acho uma escritora. Mas eu acho que quando eu tava no ensino médio eu descobri um prazer secreto por fazer poeminhas assim, sabe? Em sintetizar meus sentimentos em coisas pequenas assim, pequenos poemas, coisas com quatro frases, cinco frases. Era uma coisa que eu gostava muito e fazer, mas eu também sentia que

⁵ *Flip*: manobra realizada com *skate*.

sempre que eu tentava partilhar essas coisas que eu escrevia com alguém, que era idiota, sabe? Que era bobo, que era uma coisinha de, de garotinha de quarta série escrevendo poeminha num caderninho, eu me sentia meio humilhada, eu me sentia um pouco humilhada com isso, ao mesmo tempo que eu gostava dos meus textos, esses pequenos, porque eu sentia que eu conseguia, eu conseguia num espaço muito pequeno sintetizar coisas que eu não conseguia dizer de outro jeito, sabe? Tem coisas que você não consegue falar... É, falar num diálogo pra alguém,

Janaína: E passou isso pro desenho...

Bennê: E foi isso, eu pensei que se eu fizesse...

Janaína: Escrever e passar pro desenho, depois desenhar...

Bennê: Eu pensei que se eu fizesse uma junção do visual com o texto, eu conseguia fazer esse material mais palatável pras outras pessoas, ou que pelo menos, as pessoas, elas não iam olhar de primeira e dizer assim “ai, olha que bobo, um poeminha“, sabe? Porque aí viraria outra coisa, tanto que eu não chamo nem minhas primeiras tirinhas de tirinhas necessariamente, porque elas são... Elas não tem uma narrativa visual padrão, elas são quase um poema ilustrado. Ela é quase um poema ilustrado assim, são quadros com um desenho que tem uma relação com o texto, mas não tem realmente uma linha narrativa muito fluida do que a gente consome tradicionalmente como tirinha. Não era meu interesse realmente seguir a fundo com isso. Mas, não sei, sabe? O desenho entrava, eu gostava de desenhar, achava legal e era uma parada que eu sempre voltava por conforto, era uma parada que tipo, às vezes eu achava meu desenho muito ruim. É meio maluco porque quando você é uma pessoa que desenha e você tá, sei lá, na escola, mesmo que seu desenho não seja bom, você geralmente desenha mais do que as outras pessoas que não desenharam. Então, tipo, ao mesmo tempo que você recebe alguns elogios, você pode receber críticas muito pesadas assim. No ensino médio, eu recebia críticas muito maldosas, a galera tinha zero senso de ser simpático comigo. Quando queriam dizer que tava muito feio, diziam que tava muito feito, tinha um amigo meu que ele era muito sincero, que era o Tatá [dirige-se à Janaína]. Tatá me dava uma facada por semana verbal com meus desenhos, e ao mesmo tempo eu sou grata por esse momento, porque foi um momento de ter uma opinião próxima de uma pessoa que eu prezava e uma opinião dura me deixou resistente, sabe? Pro que viria depois, pra continuar insistindo. Porque, beleza, você precisa aceitar que desenho é aprendizado e que você vai tá sempre querendo evoluir, ou querendo aprender alguma coisa, e tem coisas que até hoje não sou

muito boa de desenhar, mas eu me mantenho desenhando porque eu gosto assim. Eu encontrei na arte um conforto. Eu brinco às vezes falando pras pessoas que eu comecei Biologia porque eu curti muito X-Men⁶, gibi dos X-Men, filmes do X-Men, porque, cara, era tipo, pequenas tretas, pequenas pautas de gente excluída tentando se encontrar ali, e tipo, toda aquela energia, e tem muitas coisinhas de biologia muito mal aplicadas em X-Men. E eu sempre fui meio nerdinha assim, tem umas coisas de ciência que eu sou meio nerdola. Aí eu ficava “não, não, esse poder não é viável. Eu vou fazer Biologia porque aí eu vou escrever o quadrinho de X-Men mais coerente”, porque não faz sentido nenhum, não faz sentido nenhum! É o pensamento mais idiota que uma pessoa pode ter: “vou me formar em Biologia pra escrever o roteiro de X-Men”, sendo que tipo, a graça é justamente o fato de que não é cem por cento coerente com a ciência, porque se fosse ia ser chatão pra cacete, e foi o que eu descobri na faculdade, que seria chatão pra cacete! A missão é completamente abortada. Chegou num momento da faculdade que eu simplesmente disse assim: “mano, que eu tô fazendo aqui?”, tá ligado? “Quê que eu tô fazendo aqui? Quê que eu tô fazendo aqui?” e o que me manteve na graduação foi quando eu percebi que eu conseguia juntar desenho com biologia, porque tinha uma parte em biologia que eu curti pra caramba, que era divulgar. Porque as pessoas têm muita dificuldade em divulgar a ciência, e é muito difícil divulgar biologia. Então, acho que teve algum momento, acho que foi 4º, 5º período, que eu tava no auge de um surto. Puta de um surto assim, real, eu tinha entrado num laboratório e ao mesmo tempo que eu... Aquela música, “Ouro de Tolo” do Raul Seixas, sabe? Eu devia tá contente, porque eu tenho um emprego, sou um cidadão, dito cujo que ganha não sei quanto, eu deveria tá feliz, eu deveria tá feliz, tá ligado? Porque eu cheguei na faculdade, eu tinha Iniciação Científica, tava tramando num laboratório de tecnologia micorrízica, que não era ruim, mas também não era bom. Eu tipo, eu deveria tá feliz, mas eu tava no auge de um surto psicótico, porque dentro do laboratório o professor tava abusando de mim psicologicamente e eu não conseguia perceber, eu não conseguia perceber o que tava acontecendo, eu também não sentia que eu poderia falar com ninguém, porque eu achava que isso poderia me queimar dentro da universidade. Eu me senti muito vítima das coisas, e eu peguei a disciplina de paleontologia. Nessa disciplina eu simplesmente encontrei coisas que eu gostava demais e eu decidi fazer um quadrinho chamado “Paleopapo”. Eu decidi fazer um quadrinho nessa época com isso, eu disse: “Não, eu acho que paleontologia tem muito...”, o básico da paleontologia tem muitos detalhes e coisas interessantes que passam despercebido pelas pessoas e eu sei que com o

⁶ X-Men: série da Marvel que acompanha um grupo de mutantes.

quadrinho eu consigo falar sobre isso. Então, eu fiz esse quadrinho é... E sai imprimir, meu professor, foi um professor da disciplina que foi super legal comigo, a gente, ele bancou a impressão do quadrinho, a gente, assim... Não foi uma puta numa impressão, a gente fez a impressão na própria gráfica da universidade mesmo, mas assim, eu organizei, foi em cores, eu diagramei tudo certinho, grampeei, e eu distribui esse quadrinho na universidade, junto com um formulário pra tentar ver o que que... quais as informações que as pessoas já sabiam ou elas não sabiam, e foi um trampo de divulgação científica legal com quadrinho. Então, ali eu comecei a focar em quadrinho, eu disse assim: “Poxa, é, eu percebi que consigo usar essa linguagem pra falar coisas que eu acho importante e me deixam menos perdida dentro da universidade”. Nessa época também foi quando o *leve.mente.insana* começou a ganhar corpo. Eu tava realmente muito mal da cabeça e é por isso que o *leve.mente.insana* se chama *leve.mente.insana*. Eu tenho até hoje a primeira tirinha que eu fiz, que eu imprimi ela e eu coloquei ela em paredes da universidade, e em algum momento eu removia essa e colocava a outra tirinha nova, eu tenho a original até hoje. Então, tipo, o texto tá aqui, Ingrid: [começa a ler a tirinha] “O corpo completamente parado não reflete a mente em chamas. Levemente insana e parece que eu nunca descanso”, e era como eu me sentia na época, sabe? Eu me sentia maluca, me sentia fritando! Sentia que eu não tinha... Eu não conseguia falar com as pessoas como eu tava me sentindo mal, e quando eu falava eu só chorava e tipo, a universidade foi um momento que, a universidade quando ela não te joga pra cima ela te quebra, ela te quebra muito. Faz parte eu acho que do “aesthetic” da universidade brasileira quebrar o ser humano o máximo possível e ver qual é o arremedo que chega no mercado de trabalho, porque parece que esse é o objetivo. Então assim, é... Nessa época eu acabei fazendo o *leve.mente.insana* também e eu tava nessa, metade do meu tempo fazendo coisas autobiográficas, e a outra metade do tempo falando sobre divulgação científica, tanto que em algum momento eu junto com um amigo meu, a gente fez o “A bordo do Beagle”⁷ que é um projeto de divulgação científica que tem um livro publicado, a gente publicou um quadrinho e tal. E foi o quadrinho que me manteve sã durante esse tempo, foi o quadrinho que manteve minha sanidade em cheque assim, e minha mãe nunca foi aquele tipo de pessoa que te bota pra trás, sabe? Ela, na hora que eu entrei na faculdade, final do primeiro período, todo mundo dizia pra mim que eu tinha que sair da faculdade, inclusive minha mãe, dizia assim: “Ai, vai fazer outra coisa, vai fazer arte, vai fazer design”.

⁷ A bordo do Beagle: um quadrinho de divulgação científica sobre conservação para todos.

Janaína: Vai enquanto tá cedo, né? O primeiro período dela eu dizia que ela tava super estressada, eu dizia: “Filha, sai enquanto é tempo”, mas ela é uma pessoa que se ela começou ela não sai. E ela não saía e ficou até o fim.

Bennê: Sou o Naruto, porra. Sou o hokage⁸.

Janaína: É, eu disse: “Tu vai enlouquecer e vai me enlouquecer, menina” porque chegava estressada e eu não conseguia ajudar. Sabe coisa de mãe? “Que foi, filha? Conta pra mim seus problemas” e num fala, e aí era pior.

Bennê: É isso, aí acho que foi o quadrinho que me manteve com a cabeça no lugar assim, até que em algum momento eu percebi que é pra mim, sabe? É pra mim, eu consigo trabalhar com divulgação científica, de vez em quando eu sou chamada pra esse tipo de projeto, então, não é como se eu simplesmente tivesse jogado fora o que eu sei de biologia, eu ainda sou uma nerdona, e eu continuo curtindo os mesmos temas que eu curtia antes. Ingrid bem sabe a história do golfinho primitivo assim, às vezes eu entro nuns rolês de ficar pesquisando paleontologia e é isso. E eu trabalho com o que eu curto, sabe? Eu curto fazer isso, eu acho que existe uma beleza em... [lendo o chat] “chorei” [risos]. Eu acho que existe uma beleza em você contar histórias. Agora claro, você se sente o outsider, né? Você se sente assim: “Porra, todas as profissões do mundo eu fui escolher logo ser quadrinista que nem parece um emprego de verdade”. Tanto se você bota, digitar no Word, é, tipo: “Meu nome é Bennê Oliveira, eu sou ilustradora e quadrinista”, fica com aquela trema vermelha embaixo como se fosse um erro de digitação, assim: “Essa profissão não existe”. Claro que existe, mas...

Ingrid: Não tem nem no MEI⁹, né?

Bennê: Oi?

Ingrid: Emitir uma nota assim pro MEI, não tem nem tipo: “Você é ilustrador ou quadrinista”, né?

Bennê: Não! E o que eu acho muito maluco porque tipo, todo mundo sabe que não tem, todo mundo contrata igual, ninguém faz nada a respeito e eu fico tipo: “Gente, tá todo mundo mentindo de maneira consentida”, todo mundo sabe que é uma mentira, por que não faz logo isso de uma vez, tá ligado? Por que alguém não toma uma atitude a respeito? “Ah, não, mas é que a gente acha que o artista tem potencial de ganhar mais que 80.000 por ano”, não! Tipo,

⁸ Hokage: O Líder da aldeia da Folha na animação japonesa Naruto. Ele é conhecido por ser o ninja mais forte e o personagem principal almeja essa posição.

⁹ Microempreendedor Individual.

alguns sim, mas assim, tipo, caso de atriz da Globo. Cara, eu faço quadrinho, tá ligado? Eu desenho boneco digital num negócio que a pessoa vai imprimir, eu não vou ganhar isso, tá ligado? Eu tô trabalhando, o que? Faz uns três anos e ainda não paguei imposto de renda, porque eu não recebo o suficiente pra declarar. Pelo amor de deus, façam alguma coisa. Lula, faça alguma coisa.

Janaína: Vai não. [Risos]

Bennê: Pior que tem reunião do comitê de quadrinistas com presidente, hein?

Priscila: Bennê, eu queria dizer que enquanto você contava aí, que fazia faculdade de Biologia e tal, fazia faculdade e aí você ficou nesse drama, né? De querer fazer artes, eu me identifiquei muito porque eu também fiz uma graduação que não tem nada a ver com artes, que é Economia, fui até o fim também, tive esse drama no meio do caminho, então, eu entendo bastante assim... E aí, com tudo o que você acabou de falar, tanto da parte que você começou a falar do X-Men até a parte de você falar da universidade, surgiram duas perguntas e aí você pode responder, é, eu vou fazer as duas, que elas tem um tanto a ver, e aí você responde. A primeira é essa coisa assim, né? Pelo que deu a entender, é que você foi fazer Biologia justamente por um impulso visual que era o X-Men, né? Basicamente. E você falou dessa cobrança que existia por você ser a pessoa desenhista das aulas, né? Quando você tava na escola, é, como que você vivia, por exemplo, as aulas de artes assim? Na escola, como você pensa isso, qual foi sua experiência? A gente gostaria que você compartilhasse um pouco, e a segunda pergunta, eu posso repetir depois se você esquecer. Quando a sua mãe te influenciava, falava assim: “Vai fazer artes, larga isso e tal” e você não quis, você quis levar até o fim, é, você pensou já em fazer artes numa universidade? Fazer disso uma graduação, e etc? Ou você pensa em fazer isso?

Bennê: Tá, vamos a primeira pergunta... E com todo respeito, minha professora de artes era muito maluca. Minha professora de artes do ensino médio, ela era obcecada por um quadro de dança que tinha no programa do Faustão que você via objetos se formarem de maneira espacial, tipo, era um dança que de cima você via que se formavam imagens. Ela era completamente obcecada por isso, então, durante os meus três anos do ensino médio o foco foi “Dança da galera”. Eu juro, juro por Jesus, juro por Jesus que foi isso! Ela, os três anos de ensino médio, completamente obcecada com esse rolê de “Dança da Galera”, completamente. Ela mobilizou a escola inteira. Tem inclusive um remix de música que se você perguntar pra qualquer pessoa que estudou no mesmo colégio que eu, essa pessoa sabe cantar, porque ela,

ela... [começa a cantar] “Sou Bastião do folclore nordestino”. Cara, ela falava, ela mandava todo mundo saber essa música do Lenine, porque...

Janaina: [Risadas]

Bennê: E muitas aulas eram isso, muitas aulas eram isso, tá ligado? Era tipo organização da “Dança da Galera”, e a gente chegava na aula e já ficava assim, aula livre [risos], aula livre porque a mulher tá no rolê mental dela aqui, deixa ela. Então assim, minha relação com arte na escola não foi muito fantástica por causa dessa professora que tava num momento... Ela tava num momento, sabe? Não podíamos dizer que ela não sabia, ela era uma professora que tinha uma carga teórica e ela tinha muito pra passar pra gente, mas ela viveu alguma coisa com esse negócio de “Dança da Galera” e a gente ficou com isso na cabeça. Mas eu tive outros professores em outros momentos que eles me deram bastante apoio. Eu lembro que no ensino médio eu tive um professor que - eu sou uma pessoa comum da minha geração com um provável déficit de atenção - então, eu não consigo assistir aula olhando pro professor e só fazendo anotação. Eu era aquela pessoa que pega o papel pra ficar desenhando enquanto o professor tá falando, é meu jeito de me concentrar, então, tipo, eu consigo focar no que eu tô ouvindo e fazer o meu cérebro processar o que eu tô ouvindo quando eu tô dando pra minha mão algum outro estímulo. Então, eu desenhava muito durante aula, e eu tinha outros professores de outras disciplinas que gostavam muito do meu desenho e como as minhas notas elas não eram baixas, elas eram sempre notas na média ou altas dependendo da disciplina eles não sentiam vontade de me repreender nesse aspecto. Então, tipo, eu tive uma professora de Geografia que era a Priscila, você não, Priscila, outra Priscila, que ela era muito muito legal, então, tipo, ela sempre me estimulava a manter, a continuar os desenhos. Eu tive um professor de história que odiava, ele odiava no começo, porque ele achava que eu tava fazendo aquilo e eu não tava dando o respeito que a aula dele merecia. Aí, eu, eu... Eu sou um animal, sou um animal difícil de controlar às vezes, aí o que eu que fazia? Eu desenhava escondido a aula todinha, passava a aula todinha desenhando escondido no caderno, no final da aula eu entregava o desenho na mesa dele. E ele ficava possesso porque ele não tinha me visto desenhar, então, ele não conseguiu reclamar comigo quando eu estava desenhando, mas aí era tarde demais, já está na mão, filhão! Desenhei a aula toda, e eu fazia isso até que chegou um momento que ele parou de se estressar porque ele viu que não tinha um impacto real nas minhas notas, sabe? Aí, eu lembro que quando chegou no final do terceiro ano ele disse assim, ele disse com essas exatas palavras: “Guardo até hoje todos os seus desenhos nas minhas aulas, espero encontrar você no CAC” que é o Centro de Artes e Comunicação aqui

da Universidade Federal de Pernambuco, “espero encontrar você no CAC fumando maconha daqui a dois anos”. E eu tipo assim, ele falou essas exatas palavras, eu tipo, tinha 16 anos assim. E eu acabei fazendo Biologia e ele ficou super decepcionado quando foi me visitar depois, porque ele realmente tinha altas expectativas. Quanto a cursar, é, estudar artes... Gente, eu sei que vocês estudam arte, não tô querendo ofender vocês nem nada, mas quando você vem de certos backgrounds, fazer artes é quase como tatuar “Eu sou um vagabundo” na sua testa pra toda sua família e pra todas as pessoas que estão no seu ciclo de convívio. Minha mãe nunca diria assim: ”ah, você é uma vagabunda porque você fez Artes Visuais”, mas por exemplo, meu pai, eu senti isso extremamente assim. Talvez ele nunca dissesse na minha cara, talvez meu pai até ache que eu secretamente sou uma vagabunda, até hoje, mas ele não chega a me confrontar. Mas senti, você sente aquela pressão que não é uma carreira real, sabe? Não é uma carreira de gente pobre. Gente pobre não faz artes. Se você consegue entrar numa faculdade, você pobre não vai entrar pra fazer artes, ou pra você fazer isso, você tem que tá numa vibes¹⁰ de realmente, tipo: “É o que eu quero, é o que eu vou fazer, é o que eu amo, eu não conseguiria fazer outra coisa se não fosse isso” ou já quebrou a cara em outro sentido, é, ou realmente tem muita, muita paixão, mas eu enquanto primogênita, sabe? Ser primogênita você cresce com aquela carga psicológica mesmo que seus pais não lhe digam verbalmente que querem que você dê orgulho pra eles, você quer dar orgulho pra eles, sabe? Eu queria dar orgulho pros meus pais. Meu pai tinha essa parada de que ele, coisa muito comum por aqui, né? Quer que sua filha seja doutora, “Eu quero que minha filha seja doutora”, sabe? E Biologia era dentro desses aspectos o melhor do que eu poderia oferecer pra minha família nesse, sem, sem me odiar, tá ligado? Sem odiar completamente o que eu tava fazendo. Direito, eu acho que eu preferia cometer seppuku¹¹ do que cursar direito, tá ligado? Medicina? Não sou tão inteligente, nem sou boa com nada que envolve, não, primeiros socorros não é comigo. Ela faz os primeiros socorros [aponta para Janaína] essa daqui é uma pessoa capazíssima para o serviço de saúde.

Janaína: Ela não consegue controlar um corte no dedo.

¹⁰ Vibe: sentimento, clima.

¹¹ O Seppuku era uma forma de suicídio tradicional do Japão feudal e, ao longo da história, foi utilizado pela classe guerreira japonesa (samurai) como uma forma de morrer de maneira honrosa e servindo ao seu mestre.

Acessado: 8 de julho de 2023. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/11943#:~:text=O%20Seppuku%20era%20uma%20forma,e%20servindo%20ao%20seu%20mestre.>

Bennê: Nem me lembra, eu cortei meu pulso com um copo, eu fiquei “Ingrid, cortei meu pulso, eu vou morrer“, tá ligado? “Gente, alguém me socorra!” eu lá, na cama dos meus pais, linda, pálida, enquanto meu pulso sangrava assim. E era corte de músculo, 2 cm de corte assim, e eu lá, “Vou morrer, alguém pelo amor de deus, faz alguma coisa, tome uma atitude sobre meu corpo!”.

Janaína: [Risadas]

Bennê: E eu comecei a pensar e ponderar sobre cursar em algum momento, mas a verdade é que depois de todo esse rolê universitário que eu vivi eu fiquei cansada. Eu fiquei cansada. Eu tenho uma curiosidade real de aprender coisas que eu não sei, então, é por isso que toda vez que Ingrid vai fazer as atividades dela e ela tá lendo um texto, sofrendo, eu deixo ela ler os textos que ela tá escrevendo que é uma forma de eu tentar usufruir um pouco do conhecimento acadêmico dos outros sem estudar. Mas, é, eu fiquei cansada, bixo. Universidade me deixou só o pó da gaita, não tenho mais energia nenhuma pra nada disso. Quem sabe daqui um tempo no futuro, quando as coisas estiverem mais... Mais, mais tranquilas até financeiramente pra mim seja uma oportunidade, uma possibilidade que eu não rejeito. Porque existe muito do conhecimento real que pode ser usufruído, sabe? Mas, de forma prática, pro meu trabalho, hoje, ninguém nunca me pergunta sobre minha formação, ninguém nunca me pergunta sobre minha formação e o que eu sei, eu sei que é o bastante pra eu conseguir manter o meu trabalho. Mesmo assim tem coisas que eu gostaria de saber. Saber porque simplesmente é importante, sabe? Talvez fizesse uma diferença, tivesse um impacto no meu trabalho de uma maneira mais consistente, mas no momento estou exausta, precisava de mais uns dez anos pra me recuperar depois dos grandes traumas, entendeu? De chorar, chorar no estacionamento. Teve uma vez que eu chorei no estacionamento, o vigia da universidade nunca mais esqueceu da minha cara, se eu passar lá hoje ele vai dizer: “Minha filha, você está bem?” porque ele ficou mais traumatizado do que eu. Eu tava chorando totalmente assim, gigante, sabe? Com a cara inchada, de pânico, pavor e desespero, esse cara nunca mais esqueceu dessa cena. Passaram-se anos e até hoje ele lembra como se fosse ontem. Então, eu imagino que se ver um estudante chorando daquele jeito traumatiza um homem, por que eu não estaria traumatizada, não é mesmo? Calma, vamos dar um tempo pro meu pobre coração. Quem sabe no futuro?

Vinicius: É, então, continuando, é, dessa mesma linha de raciocínio que você falou agora, eu acho que assim, não ofende em nenhum ponto as coisas que você fala sobre o curso de artes,

tá? Porque a maioria das pessoas lá enxergam dessa forma, sabe? E eu sei que pra, eu acho que não existe, ou se existe são tipo, duas pessoas num departamento que frequentam, sei lá, umas quinhentas pessoas, que vão falar: “Não, meu pais acharam super legal quando falei que ia fazer artes”. Tipo...

Bennê: É, geralmente o pai tem que ser artista também, né? Tem que ter um contexto familiar, ou você tem que ser...

Vinicius: Ou professor, né?

Bennê: Ou seu pai tem que ter um pé nas artes, seus pais tem que ter um pé nas artes, ou você tem que ter uma condição financeira tão boa, tão estável, herdeiro total, que o dinheiro nunca vai lhe faltar e você vai poder só viver fazendo umas telas loucas. Eu tenho uma puta duma inveja, minha mãe enquanto empregada doméstica ela trabalha pra uma família que tem dois pintores. Tem um homem na família que já faleceu que era seu Zé Carlos, qual o nome de trabalho dele? [dirige-se à Janaína]

Janaína: José Carlos Viana, e ele era um pintor daquele, ele até foi um tempo, é... Trabalhou na prefeitura, como é? [dirige-se à Bennê]

Bennê: Secretário, ele foi Secretário da Cultura daqui de Pernambuco.

Janaína: Da cultura! E ele faleceu e dois filhos dele seguem o caminho dele, e justamente eu trabalho com essa família, e o menino ganha, viu?

Bennê: A galera ganha, bicho, e eu fico tipo: “Porra, eu quero é ganhar pintando uma tela muito louca”, um grana que... Não, mano, fica eu aqui, fica eu... Às vezes não consigo nem cobrar os preços. Às vezes eu entro no grupo ali dos artistas, fico não sei nem como é que eu vendo isso aqui, porque no meu coração eu cobraria uma grana absurda, mas eu sei que ninguém vai pagar, então, no mínimo buscar um preço realista, entendeu? É um sofrimento...

Janaína: Mas só vende bem quem tem um nome, e eles estão se apoiando no nome do pai, porque apesar de...

Bennê: Polêmicas, temas polêmicos.

Janaína: Não, eles desenham bem, eles desenham, mas todo canto fala o nome do pai...

Bennê: É que tipo, eles herdaram, eles herdaram os compradores do pai, tá ligado?

Janaína: É!

Bennê: Então, boa parte da galera que compra com eles, a filha não, que existem dois filhos R. e C., C. tem um estilo muito parecido com o...

Janaína: Do pai!

Bennê: Do pai. Agora R. não, ela é mais do abstrato, assim. Acho que R. é mais, ela galgou um espaço mais pessoal...

Janaína: Pra ela, o dela.

Bennê: É, agora C. acho que ele herdou muito a clientela do pai assim, tipo, família. há famílias que compravam dele e conheciam o secretário, grandes advogados do estado de Pernambuco, sei lá, família de ex-governador, a galera toda em contato com esses pintores, então, não tem como...

Janaína: É bem mais fácil.

Bennê: Não tem como ter uma rede forte, tá ligado? É uma puta duma rede estabelecida assim. Cara, teu pai tem tela em prédio público do estado de Pernambuco, em áreas públicas, família do antigo governador Eduardo Campos, que até tentou presidência e faleceu, tem contato, então, tipo, é outra parada, sabe? É outra parada, existe uma *networking*¹² ali muito bem estabelecida. Fofoca, momentos fofoca... Ah, e tem que fofocar com moderação, né? Tá falando de pessoas reais, mas não falei nada mal, então, assim,

Vinicius: E assim, também lembrando que se tiver alguma coisa que vocês não quiserem que seja mostrada, essa entrevista, ela vai passar por vocês depois, então, tipo...

Bennê: Eu... Eu sou muito inconsequente com tudo que eu falo e depois, depois eu arco com as consequências e talvez esse seja um dos meus maiores defeitos. Assim, eu vou falar mesmo e eu não falei mal de ninguém! Eu falei o que é verdade. Vai dizer que não é, tá ligado? Momento debate. Sou capaz de confrontar a pessoa.

Janaína: E ela é mesmo.

Bennê: Eu sou, eu sou chata demais, bicho. A pessoa vai chegar em mim “Não, mas...”, eu falei, eu falei, eu menti? Eu não menti. Pode provar que eu menti? Não pode provar que eu menti, então, eu não vou ser processada. O processo não virá... por difamação.

¹² Rede de contatos, principalmente relacionados a trabalho.

Vinicius: Aproveitando que você falou essa questão do-

Bennê: Será?

Vinicius: do seu pai, que ele enxergaria muito dessa forma e a sua mãe incentivou a fazer, a seguir no caminho das artes, queria perguntar pra sua mãe, pra Janaina: como você enxerga o trabalho de Bennê? Como é pra você esse *trampo* que ela faz? As artes que ela faz? Como você se sente vendo tudo que ela faz?

Janaina: É aquele canto daquela amiguinha dela. O que eu dizer vai ficar de julgamento pra mim, mas eu amo. Eu sou a fã número um dela. Eu tenho todos os quadros, todos os primeiros quadros que ela manda jogar fora [risos]. Eu não jogo [risos]. Eu sou a fã número um. [gesticula] “Vá em frente”. Eu disse a ela, se der problema eu *tanco* depois. [Aponta para Bennê].

Bennê: Não, ela sempre foi assim do tipo-

Janaina: Vai em frente, filha!

Bennê: Do tipo: “Te mantenho”. Mas eu não quero ser sustentada pela senhora não, senhora nem tem dinheiro. [Risadas].

Janaina: Eu digo desde pequenininha e agora não faz diferença. Continuo botando, pode ir em frente. Agora o pai dela não, não pode aparecer um concurso público que ele fala “Fala pra ela”.

Bennê: É, ele é o bastião do concurso público. Aquele pai do concurso público “Abriu um concurso público no INSS”.

Janaina: Ele nem gosta de encarar mais ela, ele me manda. “Abriu tal concurso, fala pra ela”. [aponta para Bennê e ri]

Bennê: É porque ele chega pra mim assim “Abriu um concurso” numa área que obviamente eu não vou ter interesse e eu digo “Poxa, que legal”.

Janaina: [Risadas]

Bennê: E eu vou falar mais o quê? Eu obviamente não vou fazer, ele sabe que eu não vou fazer.

Janaina: “Eu já sei, ela não vai fazer. Eu não vou falar. Ela já tá na profissão dela, pronto”.

Vinicius: Tá [Risada].

Bennê: Num banca. *Painho* não me banca, é um liso. *Painho*, se um dia você ver essa entrevista, você sabe. Eu digo pra você também. Você é um liso. Um liso.

Janaina: [Risadas] Ele não vai ver não que ele vai se ofender.

Bennê: Ele não vê não, porque-

Janaina: Ele não vê nada.

Bennê: Meu pai não tem nenhuma conexão, eu acho muito engraçado quando chega minhas tias aqui, que é as irmãs do meu pai e diz assim “Explica aí que é que tu faz”.

Janaina: Ele não sabe.

Bennê: “Explica aí”. “Não sei não, dizer o que ela faz não. Explica aí o que é que tu faz”

Janaina: [risadas] Mas eu sou fã número um dela.

Bennê: Não, mas *mainha* sempre foi muito de apoio, mas a gente já teve *perrengue* por causa disso. Sabe, do tipo, de eu não me sentir muito apoiada. Só que minha mãe tem um jeito muito pessoal de demonstrar afeto, minha mãe não é aquela pessoa do afeto enquanto palavra, ela é mais do afeto enquanto ação. Às vezes, o fato dela , ela não necessariamente falar as coisas pra mim, mas o maior apoio que ela demonstra é ela tando do meu lado. Sei lá, vai rolar uma feira longe pra cacete, a gente vai ter que pegar não sei quantos ônibus pra

chegar e tal. Ela vai, ela tá sempre ali de apoio moral. Em algum momento quando eu estava mais no começo do trabalho, eu sentia que ela não tinha tanto afeto quanto eu gostaria que ela tivesse, mas é que você precisa muito entender a linguagem de afeto de cada pessoa, sabe? Até que a gente chegou num... a gente discutiu. É um ponto positivo na minha relação com ela que a gente consegue conversar. Eu trago as minhas inseguranças, ela... ela rebate, ela questiona também. Ela me apresenta as próprias inseguranças. Mas eu sei que ela se diverte, ela curte. Ela tem uma relação muito pessoal com tirinhas onde aparecem todo mundo da família. Eu, ela e meu pai; que aparece todo mundo. São as que eu sinto que ela curte mais.

Janaina: É, é que é muito engraçado.

Bennê: Ela gosta de ver o *bucho* de painho desenhado. Ela diz que não, mas é isso.

Janaina: [risadas] Ai, é isso...

Bennê: O bucho de lua de painho.

Janaina: Pois é, vamo pra o próximo.

Bennê: Próximo questionamento.

Ingrid: Gente, pegando esse gancho, a gente queria que vocês mostrassem - as duas - as obras da Bennê que vocês mais gostam. Então, vocês teriam como mostrar pra gente? E explicar o por que que eu mais gosto dessa.

Bennê: Tá, a gente vai fazer o seguinte: eu vou ver se eu consigo compartilhar, pode ser?

Ingrid: Claro.

Bennê: Deixa eu abrir aqui.

Janaina: [...] Ela tem muitas coisas, tudo dela é bom. Mas é porque tem umas coisas que ela faz que eu acho muito engraçado. Aí, eu começo a ler e me acabo de rir. Mas é muito engraçado.

Bennê: Não, ela, toda vez que ela aparece nas tirinhas eu mostro pra ela. Aí, ela pega e bota o oclinhos dela, que ela é meio cegueta, ela vai ela no Instagram e fica “HA-HÁ” no sofá, tá ligado? Rindo. E tipo, às vezes, eu nem acho tão engraçado e nem acho tão bom e ela “Muito bom”. Mas geralmente é porque ela tá na tirinha, tá ligado? Ela se acha incrível.

Janaina: Famosa, né? [Risadas]

Bennê: Muito famosa. Ta famosinha demais, ela. Teve uma vez que a gente foi pra uma feira. Uma feira que era tipo, longe pra caramba. Foi um dia que teve greve de ônibus. Aí sentou do nosso lado um cara vendendo ilustração mesmo, estilo padrão de feirinha de artes. E toda vez que o cara ia tirar foto com alguém e tinha muita gente, ele ficava “Vou não que tá muito famosinho”. Aí, mainha fica até hoje nessa “Não, que você tá muito famosinha, que você tá muito famosinha”. Ta, a gente tinha escolhido algumas tirinhas aqui. Na real, eu esqueci de fazer a minha mãe ver qual tirinha ela curtia. Ingrid tinha dito que podia ser também outras artes, mas eu não vou atrás, por exemplo: tem um quadro na minha sala que eu acho muito legal. É uma parada meio Iemanjá, meio... que foi pintado à óleo. E eu, particularmente, curto. Tem um quadro que é só minha mãe e minha tia, que eu também curto bastante, pintado à óleo porque eu gosto de trabalhar com este material. Não tanto como algumas pessoas dessa reunião, mas bastante. É que eu sou um pouco mais da guache. Deixa eu compartilhar...

Janaina: [risadas].

Bennê: “Olha o *exposed*¹³”[Lendo o chat] Não, tu virou o rato do óleo, total. Eu nem sei como vou fazer pra compartilhar esse negócio, agora que eu me dei conta. Consigo abrir isso no Google?

Janaina: Eles abrem lá e a gente diz qual é.

Bennê: Não, é que é mais fácil eu abrir aqui. É que está um pouco de caos. Desculpa a bagunça. Geralmente, eu abro no Clip Studio¹⁴ e dessa vez eu tava querendo só abrir a

¹³ Ato de expor alguém na internet.

¹⁴ *Clip Studio Paint*: software de ilustração digital.

imagem, mas eu to tendo um probleminha técnico aqui. Então, vou ver se eu consigo fazer como eu sempre faço. Abrindo pelo Clip Studio mesmo e mostrando pra vocês. Eu meio que abri as coisas aqui no Meets em alguma das trocentas reuniões que eu tive essa semana. Essa semana foi um caos. “Semana que vem foi muito cansativa”. [...] [Cantarola] Esse é aquele momento em que automaticamente deveria, em todos os locais do mundo, tocar uma música de elevador. Que silêncio de reunião, que eu acho assim, beira o-

Janaina: Botava aquele som de Beethoven bem... suavezinho... bem gostoso...

Bennê: A próxima vez que eu tiver reunião e eu tiver dificuldades técnicas eu vou deixar um-

Janaina: Pode ser aquele de aeroporto.

Bennê: Eu vou botar um-

Janaina: Sambinha.

Bennê: Um Beethoven, um som ambiente, tá ligado?

Janaina: [Cantarola 5º Sinfonia de Beethoven]

Bennê: Clássica, pra ficar tocando.

Janaina: Essa é boa.

Priscila: Bennê, pode ficar em paz, tá? Pode levar o tempo que for aí, tá?

Bennê: Eu tô falando pra me entreter, pra sentir que o silêncio-

Janaina: A gente tá conversando como se vocês não tivessem aí, porque a gente fica mais tranquila. [Risadas]

Bennê: É porque não estava abrindo o Clip Studio.

Ingrid: A gente pode, sei lá, fazer um entretenimento aqui assim. Começar a falar de “Crepúsculo”¹⁵. Vai saber.

Janaina: Meu deus.

Vinicius: Não, não pode não.

Ingrid: Não é por mal, eu não consigo parar-

Vinicius: Não, não pode porque você sabe que o nosso papo nunca acaba onde tem que acabar. E depois, isso aqui vai ser transcrito e passado. Então, não. Não pode.

Bennê: A conversa de “Crepúsculo” é uma conversa que chega em tópicos biológicos perigosos. Ela sempre esbarra em-

Vinicius: É, e assim, se eu tiver no meio também, vai ficar sempre muito pior. Então, é melhor não.

Ingrid: Mas então, foi um entretenimento agora. Abriu até a tirinha.

Bennê: Pronto. Bom, essa daqui é uma das tirinhas que ela gosta e eu gosto.

Janaina: [Risadas].

Bennê: Mas é mais porque é 100% meu pai e meu pai é essa figura transtornada assim, sabe? É a famosa tirinha da bandeja de ovo.

Janaina: Ele nem conseguiu comprar o ovo. [Risada] Nem conseguiu.

Bennê: Nem conseguiu.

Janaina: Um grande esforço pra nada. [Ri]

¹⁵ Série de romance e fantasia lançada nos anos 2000.

Bennê: Então, é isso. Meu pai é essa figura nos fins de semana. Eu não sei necessariamente; eu gosto dela porque eu acho ela engraçada só porque eu considero meu pai - meu pai puto - um dos meus temas mais favoritos de assistir. Quando ele não tá puto comigo. Quando eu não sou a vítima do ódio dele, eu acho legal. Então, essa é uma das tirinhas favoritas dela e eu tinha escolhido pra mim... A outra você decidiu qual ia ser? [Pra Janaína]

Janaina: A do DNA, do sangue. Que até agora, eu ainda fico querendo saber se realmente é.

Bennê: É a do tipo sanguíneo que... Na verdade, a primeira vez que ela leu essa tirinha, ela ficou com raiva. Não sei se ela lembra disso. Ela sentiu que eu estava tirando onda com a cara dela.

Janaina: Pois é, né?

Bennê: Não era a intenção. Entendeu? Não era a intenção. Vou abrir aqui, que é essa daqui. A tirinha do tipo sanguíneo.

Janaina: É muitas, não dá pra selecionar totalmente as que eu mais gosto, agora

Bennê: Essa tem duas partes, mas essa aí é a primeira parte da tirinha. Agora a minha... essas são as duas dela e eu gosto muito da do carro do ovo também, mas tem uma que eu não tinha feito necessariamente pro *leve.mente.insana*. Eu fiz, mas não fiz, sabe aquele jeito que você faz sabendo que vai postar, mas não era necessariamente pra postar. É “A maldição”. Deixa eu ver se eu abro aqui. [Cantarola] Por que você não quer abrir, meu amor? Deixa eu ver se consigo abrir de outro jeito.

Vinicius: Mano, eu acho que a do carro do ovo é a minha favorita, disparado. E eu acho que é porque é uma situação que eu já vivi, foi horrível essa humilhação. Que assim, é muito vergonhoso, cara. Você sai correndo na rua com a roupa que você tá no corpo porque você não tem tempo de pensar, né? E aí você sai igual um idiota de sambacação mesmo, regatinha correndo no meio da rua e, nossa, corre umas duas quadras pra pegar.

Janaina: Não, o cara quer vender o ovo nessa velocidade, como é que você vai comprar?

Vinicius: É, então?

Bennê: Eu achava que era um negócio da minha região. Eu achava que era uma parada que, tipo assim, rolava aqui. Quando eu fiz a tirinha, eu descobri que é um movimento nacional.

Vinicius: Não, é.

Bennê: é um movimento nacional dos carros do ovo. Todos os carros do ovo são contra os próprios compradores. Eles humilham as pessoas que vão comprar, é um ato de... é em alta velocidade de propósito. Deve ser um acordo, não é possível, entendeu?

Vinicius: Mas você não acha que faz sentido? Por que, pensa assim, se você vê um cara correndo com qualquer roupa no corpo atrás de um carro do ovo, pô, quer dizer que o ovo é muito bom, né?

Bennê: No mínimo. Ou a pessoa está muito desesperada. [Risadas]

Janaina: É uma palhaçada, você vê que a pessoa tá correndo, você para, né? Não, eles vão simhora, quer saber não. Oxe.

Bennê: Claro, porque em algum momento ele voltará e ele sabe que você vai se humilhar uma segunda vez também pra comprar a bexiga desse ovo.

Vinicius: Ele sabe. [Risada]

Bennê: Então eu descobri através dessa tirinha que é um movimento nacional.

Janaina: O que? Isso aí? [Referindo-se à tirinha que está na tela]

Bennê: Não, os carros do ovo acelerando.

Janaina: [Concordando] É, todo canto.

Bennê: A minha favorita... Uma das minhas favoritas é essa que ela tem dois títulos, um dos títulos dela é “O Artista” e o outro título dela é “A Maldição”. E essa eu fiz metade pra jogar no portfólio e metade porque eu quis. Eu me dei tempo pra fazer ela. Eu me dei tempo e fiz ela do jeito que eu queria que ela fosse. Ela também é uma das outras tirinhas com duas páginas. E esse é um personagem que de vez em quando eu escrevo sobre ele, mas eu raramente faço tirinhas sobre ele ou material sobre ele. Ele é esse artista frustrado padrão de filme, tá ligado? Que vive num Recife nesse começo de 1900 e alguma coisinha, assim, ele é essa figura histórica pra mim. Eu queria usar essa ambientação desse estilo mais antigo, eu tenho a página dois com um pouquinho mais de cenário. E era mais sobre pensar num personagem que morasse mais nesses casarões meio abandonados que tem hoje em dia em Recife. Hoje, Recife é uma cidade que tem muitos prédios antigos, arquitetura holandesa, muitos casarões portugueses-

Janaina: Virou até patrimônio.

Bennê: É, boa parte deles são tombados. Não são todos que são bem cuidados, mas eles existem. É meio que um corpo presente na cidade e eu gosto dessa ambientação. Então, esse é o Miguel, ele é um desses artistas super fodidos - a verdade é essa. E essa é uma tirinha sobre como eu sinto que a minha carreira é meio que uma maldição porque quando ela vai bem, ela vai bem, mas quando ela vai mal, ela vai muito mal. E ao mesmo tempo eu tenho essa sensação de que eu não sei fazer outra coisa, sabe? Eu não consigo fazer outra coisa ou que eu não gostaria de fazer outra coisa, e que nenhuma das outras coisas ia preencher minha vida do jeito que fazer o que eu faço preenche. Porque me dá uma sensação muito saborosa quando você vê algo pronto na mão de alguém, sabe? Eu sinto um prazer muito grande em ver alguém lendo um quadrinho meu. Por exemplo, eu tenho uma publicação pessoal que é o “Não Identificado¹⁶” e o “Não Identificado” acaba sendo um quadrinho que bate na mão de pessoas muito diferentes. Desde adultos até crianças. E eu amo, eu amo o olhar de criança rindo com o “Não Identificado” porque é bobo, é alegre, é divertido, é Recife enquanto subúrbio, é escadaria, é caos, é confusão, é família. Aí quando eu vejo as pessoas se relacionando com meu conteúdo, eu fico muito feliz. Acaba dando aquela sensação de que vale a pena, independente do sofrimento, vale a pena. Mas, às vezes, o sofrimento é amargo demais. Tem época que você tá mal da cabeça, e você acha que tudo que você faz é ruim por

¹⁶ Publicação autoral de Bennê, passada no subúrbio de Recife, com elementos de ficção científica e fantasia: um OVNI cai na casa de uma família.

essência. Tem época que mesmo que você saiba que o que você faz não é ruim, isso não te impede de achar que é ruim e tem época que você está só sem dinheiro. Você tá só sem dinheiro. E ficar sem dinheiro faz muito mal pra cabeça da pessoa. É quase um teste psicológico, porque você pode ser o melhor artista do mundo, se você estiver sem dinheiro, você vai se sentir extremamente fracassado. Não tem elogio que faça você se sentir melhor, porque não tem uma confirmação material do que você acha, do que você sente. E no final de tudo, a gente precisa se manter, sabe? Pra mim, o *leve.mente.insana* chegou em um ponto confortável onde eu tenho *trampo*. Eu tenho *trampo*. Aparece trabalho pra eu fazer, então, eu já não fico me lamuriando demais, sabe? Todo meu começo de ano é financeiramente péssimo. Eu sempre fico meio sem trabalho até março.

Janaina: [Concorda]

Bennê: A galera ainda está estabelecendo o que vai fazer; projetos nunca começam nesse período. A galera só manda mensagem-

Janaina: A grana nunca chega.

Bennê: A grana nunca chega e é um teste psicológico de resistência, você ficar assim “Caraca, mano... difícil”. Por pedidos, eu acho que eu trouxe aqui também uma pintura. Eu acho que essa aqui é uma das minhas favoritas, é um bando de pote do armário da minha mãe, um monte de condimento. São vários potes, dá pra ver um azeite, uma lata de Nescau, ali.

Janaina: A bagunça, né?

Bennê: A bagunça, o caos. São vários temperinhos. E eu tenho bastante carinho por essa pintura. Tem outras pinturas, assim, menorzinhas, que eu curto. Eu gosto de fazer pintura de pote, de lugar. Gosto de viajar, bater uma foto e pintar sobre esse lugar, também. E eu acho que meu trabalho favorito é essa pintura do pote porque eu não posto. Eu não postei em lugar nenhum, é só... Acho que eu postei no Tiktok, mas eu gosto. E a tirinha do artista, eu acho que ela sintetiza meu sentimento com a minha carreira - não consigo fazer nada além disso e não quer dizer que eu não ache as vezes que é uma maldição. [Olha pro lado] Mainha tá querendo largar, ela com aquele olhar de mil jardas.

Janaina: É não. [Risadas]

Priscila: Bennê, enquanto você apresentava, você falou alguma coisa sobre a questão do público que chegou em um dos seus trabalhos. Você podia comentar um pouco sobre isso, também, das pessoas? Quando você faz seu trabalho, se você pensa no público que você vai atingir e do público que você, de fato, atinge. Como é essa sua relação, e como esse trabalho é recebido?

Bennê: Eu gosto muito de fazer uma técnica, que preserva bastante a saúde mental, que é postar e sair. Eu amo fazer isso, eu só posto a tirinha e caio fora. No outro dia, eu vou ver algum comentário porque eu tento apagar comentários onde a galera começa a se xingar. Às vezes, acontece. Ah, a pessoa achou minha tirinha idiota, aí tem um seguidor meu que se dói. Aí começa a galera a brigar e eu apago a briga. As brigas eu apago. Quer brigar, briga no privado. Vai ficar brigando aqui não. Mas, a questão como eu penso sobre meu trabalho. Às vezes, eu escolho o tema que eu vou falar. Tem épocas, que eu estou com vários roteiros extremamente depressivos. E eu parei um pouco de fazer isso porque estava dando muito na telha que eu sou maluca, e por mais que eu não negue, eu não gosto muito de ter os psiquiatras de internet querendo fazer meu diagnóstico. Eu não sou muito fã do diagnóstico dos malucos da internet. Então, eu acabo me privando, mais recentemente, de fazer essas tirinhas *emo*¹⁷. Apesar do meu grande espírito *emo*. Eu acabo escolhendo as pautas mais leves. O público que bate muito lá e acaba gostando das tirinhas é mais a galera que está à paisana, sabe? Eu não uso muitas *hashtags*¹⁸ e eu juro por Deus, eu não consigo justificar meu crescimento no Instagram. Eu não consigo justificar meu crescimento no Instagram, eu não fiz nada pra isso. Eu não tomei nenhum tipo de atitude, de pensamento, de algoritmo, eu não uso muitas *tags*¹⁹. Eu só uso *tags* do tipo: tirinha, quadrinho, *levementeinsana*, hq, hqs. A galera que curte tirinha e entra na *hashtag* é o que vai achar. Geralmente, as minhas tirinhas atingem outras pessoas porque a galera repostada no *stories*²⁰ a tirinha. Pega a tirinha e compartilha no *stories* e fica “HA-HA” ou só compartilha e é aí que eu chego em outras

¹⁷ Emo: subgênero da cultura musical focada em letras sentimentais e melancólicas. Hoje em dia, na internet, é usado como um termo para se referir a conteúdos mais tristes e afins.

¹⁸ Um sistema de palavras-chave utilizado para categorizar o conteúdo em redes sociais como Twitter e Instagram. São reconhecidas por começarem com o símbolo #.

¹⁹ Abreviação de *hashtag*.

²⁰ *Stories*: do plural de *story*, é um tipo de ferramenta de compartilhamento em rede social que tem duração máxima de 24h no perfil. Muito utilizado para reportagem de diversos conteúdos ou divulgação.

pessoas. Meu crescimento do Instagram é 100% orgânico e ele é orgânico mesmo. Eu não tomei nenhuma atitude pra ele e não faço uma grande regulagem também. Eu escolho uma pauta que... eu tento mesclar se eu sinto que eu vou falar uma coisa mais pesada. Eu tento da próxima vez falar uma coisa mais boba pra dar uma versatilidade - quando eu consigo - porque, às vezes, eu to preocupada com trabalho e não consigo produzir tanta tirinha quanto eu gostaria porque consome tempo. Mas eu tento fazer isso “Ah, uma pauta mais pesada, um tema mais pesado, vem uma pauta mais boba, uma coisa boba, uma coisa pesada, boba, pesada”. E as coisas mais *emo* eu ando privando, apesar de que dão ótimos prints²¹ pra vender em feira. Tipo, as coisas mais sentimentais, elas têm uma repercussão pior no Instagram, mas melhor em venda. É sempre uma parada que eu consigo vender melhor e a galera quer ter, quem curtiu quer ter e quer manter aquilo com ela, mais do que a galera que acha as engraçadas. O povo é mais do sofrimento, o povo que quer sofrer dá dinheiro. É isso, eu não faço um grande plano, eu não faço um grande estabelecimento, a galera que eu atinjo é a galera que tá a paisana, que bateu no meu conteúdo porque viu alguém postar em algum lugar ou já me seguia. Eu tenho muitos seguidores de São Paulo e muitos seguidores do Recife. Meu público principal é São Paulo e Recife. Então, é uma galera que acaba curtindo tirinha e outros quadrinistas, mas eu não posso te dizer que tem um grande... eu não posso te dizer qual é meu apelo, tá ligado? Eu não sou a melhor pessoa pra fazer a curadoria do meu próprio trabalho. Eu sei que eu não sou engraçadona, qualquer humor que eu tenha é um humor mais ácido, assim, meu humor não é muito “HA-HÁ” é mais assim “vou fazer uma piada aqui sobre como nós todos deveríamos morrer”, tá ligado?

Janaina: [Risadas]

Bennê: E vai ser isso, é mais pesadão que “AHAHA” ou “UHUUH, sou Paulo Moreira²² da comédia”.

Janaina: Mas tem louco que acha engraçado isso aí. [Risadas]

Bennê: Tem a galera... é porque a galera é maluca.

²¹ Termo usado para se referir à arte impressa autoral vendida por ilustradores, quadrinistas e afins em feiras voltadas à temática.

²² Quadrinista paraibano muito conhecido nas redes sociais, principalmente pelas tirinhas e temáticas voltadas ao humor.

Janaina: Ninguém é normal mesmo. [Risadas]

Bennê: Eu tava numa palestra em Fortaleza e a Brenda Maia tava mediando a palestra, a quadrinista. Vencedora do HQ Mix²³, chique. Aí ela pegou e disse assim “Bennê, a gente viu que seus temas, principalmente no Twitter, às vezes são mais sentimentais e *tra-la-lá*, como você justifica isso?” e eu “Eu devo ter depressão, sei lá, como é que você justifica isso?”. Não foi uma estratégia, não foi caso pensado. E é isso, deve ter alguma coisa ali. Daqui a uns 20, 30 anos alguém vai escrever um texto pra mim em alguma matéria e dizer assim “Ai, Bennê, o seu trabalho que fala sobre não sei o que lá-lá-lá”. Ai eu vou descobrir qual é meu apelo, agora, eu não sei. Em algum momento eu vou descobrir, mas até agora eu não sei como é que as pessoas chegam lá ou porque o algoritmo me favorece. Inclusive, eu sou pouco vítima do algoritmo. Eu passo um mês sem postar e o Instagram entrega para a mesma quantidade de pessoas de sempre, porque a galera que tá lá é realmente a galera que curte. É a galera que curte, o que a galera curte eu não sei, mas curte. [Gesticula a mão como um microfone] Perguntamos para a artista e ela não tem resposta.

Maria Carolina: Você falou um pouco sobre as dificuldades de ver esse retorno material e como isso afeta também o psicológico, mas eu queria saber mais de como está sendo seu trabalho recentemente, e nessa direção, se os quadrinhos são sua principal fonte de renda agora ou seria uma outra coisa, ou outros ramos da ilustração.

Bennê: Acho que minha renda vem toda de quadrinho, agora. Pelo menos, no momento, é toda de quadrinho. Eu ilustro, mas geralmente os projetos maiores, os que dão pagamento mais... sabe? São relativos ao quadrinho mesmo, e geralmente sempre foram pra mim. A galera que surge pagando forte é a galera do quadrinho. É muito trabalho, um trabalho massivo, porque geralmente é muita página, geralmente é um prazo muito insalubre, etc, etc, etc. Mas desde que eu realmente comecei firme a carreira nisso, há uns quatro anos, foi o quadrinho a minha maior fonte de renda. Em algum momento eu... bem, bem no começo, eu ganhava mais grana com ilustração por comissão²⁴, mas a verdade é que é muito estressante fazer ilustração por comissão. Muito estressante e eu até parei de abrir encomenda porque a

²³ O Troféu HQ Mix é uma das mais tradicionais premiações dos quadrinhos brasileiros, criado em 1989 por João Gualberto Costa, o Gual, e José Alberto Lovetro, o Jal da Associação dos Cartunistas do Brasil. O nome faz referência à seção sobre quadrinhos que os dois apresentavam no programa TV Mix 4, da Gazeta. Acesso em 8 de julho de 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Trof%C3%A9u_HQ_Mix

²⁴ Modalidade de encomenda de ilustração para uso pessoal.

galera não tem muito... a galera tem que ser muito sua fã. A galera tem que ser muito sua fã pra não te dar trabalho. Que aí, você faz a arte e a galera vai vir com um milhão de correções ou a galera vai, tipo, achar feio porque o espelho é sempre diferente da arte.

Janaina: Não é o que eles querem.

Bennê: O espelho é diferente da arte. Geralmente a gente não está conectado com o que o artista vai representar de você e o que você está realmente esperando, sabe? As expectativas não estão-

Janaina: Batendo.

Bennê Batendo. Mas, atualmente, é com quadrinho. E eu faço quadrinho para lugares diferentes. Por exemplo, chega uma galera na USP querendo fazer um projeto de educação científica de biologia - que é um *trampo* que eu to fazendo até no momento agora - na verdade, o do momento é sobre políticas públicas, mas eu já fiz um anterior sobre botânica pra essa mesma galera. Então, é um quadrinho, divulgação científica, projeto universitário,. As vezes é quadrinho pra uso pessoal. Chegam dois roteiristas e eles têm interesse em quadrinizar a história deles e eles vão pagar *x* por página e é isso. Atualmente, o meu trabalho acaba sendo muito com o quadrinho. Tem as suas pequenas dificuldades porque, durante a pandemia, por exemplo, no ano passado foi muito complicado - financeiramente - pra mim, foi bem difícil porque a situação financeira estava bem complicada pra todo mundo - ainda está um pouco - ninguém vai gastar dinheiro com quadrinho, de maneira mais pessoal, quando o gás de cozinha está 150. Você sabe que o entretenimento e o lazer, eles são, socialmente falando, um privilégio. Entretenimento e lazer são privilégio. Eu crescendo com o histórico familiar que eu tive, lazer é um privilégio. Pra eu conseguir ter essa com minha mãe, sobre como a gente não gastava dinheiro com lazer, acaba sendo um supérfluo. Então, tipo assim, durante a minha infância, lazer tinha que ser “0800”. Vai pra um parque, vai pra uma praça. Vezes contadas que eu fui no cinema quando era criança, vezes contadas. A adolescência eu acabei fazendo mais porque eu estudava perto do Centro, então, eu conseguia fazer isso. E tinha, sei lá, “Segunda Mania” a cinco reais, em 2015, 2016. Dava pra ir ao cinema com cinco reais. Mas, cara, lazer, arte pra uma boa parte da população - pra população pobre com certeza, pra população de classe média depende um pouco de como tá financeiramente falando - é um extra. Então, ah, roteiristas querendo fazer a arte querendo

contar a história deles, não apareceu ano passado. Não apareceu ano passado, ninguém ia tirar do bolso uma grana pra fazer uma história acontecer com a situação financeira que tava. Ninguém ia fazer isso. Quer dizer, alguém fez, mas quem fez não me chamou. É complicado porque é uma carreira que depende da situação do país também. Por que o apoio - esse ano tão com vários projetos e editais pra justamente dar fomento a isso e promete que a situação fique um pouco melhor, mas a verdade é que esse tipo de investimento tem que vir de órgãos mais... realmente federais, pra segurar quando a situação financeira do país tá bronca porque tem momento que é bem complicado.

Janaina: E na pandemia os artistas não tiveram nenhuma ajuda.

Bennê: O famoso “O artista que se f-”

Janaina: Nada, ainda teve artista, digamos... tocador de sanfona? E vendedor de praia que tiveram algum apoio, mas artista...

Bennê: É isso, não posso nem chorar as pitangas porque nem de longe a minha situação foi a pior em nenhum sentido. Trabalho aparece pra mim, às vezes. Às vezes, aparece pagando mal, mas aparece. A verdade é que quando você precisa do dinheiro, você faz. Eu sou pouco orgulhosa nesse sentido “Ai, não”, to precisando, amei? Não amei. Fiz? Fiz. Tudo bem. É assim que a pessoa entra no mercado de *furry*²⁵. Eu planejo entrar no mercado de *furry* em algum momento porque parece que resolve a vida.

Janaina: [Risadas]

Bennê: Resolve a vida, Vinicius. Resolve a vida, Vinicius. No sigilo, obviamente, no sigilo.

Vinicius: Não entra, os traumas, eles ficam. O dinheiro é bom, mas os traumas, eles ficam. Não que eu saiba.

Bennê: [Risadas] Não que você tenha experiência.

²⁵ *Furry* é um estilo de subcultura relacionada a personagens animais ficticiais que apresentam características antropomórficas, assim apresentando personalidade e características humanas. Acesso em 8 de julho de 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Furry_fandom

Vinicius: Não que eu saiba.

Bennê: [Risadas] Não, jamais.

Vinicius: Longe de mim.

Bennê: Mas é isso, infelizmente vivo de quadrinho. Profissão: quadrinista. Globo Repórter.
[Perguntando a Janaina] Tem matéria do Globo Repórter sobre profissão quadrinista?

Janaina: Não.

Bennê: Deveria ter. Profissão... essa maldição que é ser quadrinista.

Vinicius: Bom, gente, agora a gente quer fazer umas perguntas pra sua mãe, pra Janaina.

Bennê: Por favor, faça.

Vinicius: A primeira delas é: como você se sente sendo um dos personagens principais das tirinhas?

Janaina: Eu me acho... maravilhada. Agora, no começo, eu pensava que ela fazia tirinhas políticas. Eu não achava que eu estava envolvida nas coisas não. Depois, ela começou a me amostrar e eu me senti um máximo.

Bennê: É que eu desisti um pouco do rolê política porque tava me deixando muito maluca.

Janaina: Às vezes ela pegava as coisas que eu falava aqui, burramente, no ar. Porque o português é ótimo. [Risadas]

Bennê: [Risadas]

Janaina: Então quando eu ia ver que ela tinha feito... as vezes eu nem via. Já via três, quatro de uma vez. Ai eu me acabava de rir. Eu me acho muito bem. Eu adoro.

Bennê: Acho que em algum momento a senhora ficou um pouco frustrada porque a senhora achava que eu tava, meio que, expondo um lado-

Janaina: Teve uma hora que eu reclamei com ela mesmo. Digo “Por que tá me botando nessas tirinhas ai, falando do jeito brusco que eu sou?” Sou bronca mesmo, não vai mudar não.

Bennê: É porque, tipo, a senhora é uma representação muito..., muito clássica de várias mães brasileiras, sabe?

Janaina: Várias.

Bennê: Uma mãe clássica, assim. Talvez um pouco mais... não vou dizer desbocada porque eu acho que tem muita mãe desbocada, não é o caso. Mas eu não acho... *mainha* tem um pouco essa parada de achar as vezes que ela é, com todo respeito [Dirigindo-se a Janaina] A senhora se acha intelectualmente inferior.

Janaina: É.

Bennê: Então, às vezes, ela fica com vergonha de que eu esteja expondo esse lado dela. Mas eu, particularmente, não a considero uma pessoa burra. Eu não considero minha mãe uma pessoa burra, tá ligado? Eu, inclusive, acho ela é uma pessoa extremamente geniosa, ainda mais no âmbito pessoal, no âmbito de convivência - dia-a-dia - que ela tem umas soluções para as coisas de uma maneira muito prática. Ela pensa de uma forma muito prática. Ela é uma resolvedora de problemas. E em parte, é por isso que eu curto tanto a *vibe* da minha mãe. Minha mãe é muito resolutiva, tá ligado? Eu sou uma pessoa muito dramática e minha mãe é uma pessoa muito prática. E, às vezes, eu acho engraçado esse contraste entre o meu drama com as coisas e como ela lida com as coisas também. Essa forma como que a gente, apesar da gente ter essas diferenças - que são muitas diferenças -, a gente se dá bem enquanto amigas. A gente tem uma amizade. Aí em algum momento a gente teve esse B.O e eu perguntei pra ela se ela queria que eu parasse de desenhar ela nas tirinhas e a gente chegou nesse consenso de que não precisava, sabe? Não que eu necessariamente precisasse parar, porque eu faço uma filtragem também. Eu não faço com todas e qualquer vulnerabilidade da casa. Tem

temas que eu não toco. Poderia tocar? Eu poderia tocar, mas eu não toco, porque eu sei que aí entra em uma parada muito pessoal de exposição. E até mesmo do quanto as pessoas... algumas pessoas vão entender, algumas outras pessoas não vão entender, por exemplo, teve uma tirinha muito antiga que era *mainha* me dando um choque de realidade. Nem lembro exatamente o que estava escrito nela. Mas minha mãe me dá uma fala dura em um momento de drama. Eu tô tendo um drama ali e ela me dá uma fala dura. E eu fiz uma tirinha disso, e ao mesmo tempo - quando eu postei isso, os RT's²⁶ comentados no Twitter, eles tinham duas grandes respostas: "Por que sua mãe lhe trata tão mal?" e "Isso era tudo que eu queria ouvir na minha vida vindo da minha mãe". As pessoas vão sempre assumir alguma coisa e não cabe a mim dar pra elas o que elas vão assumir. Minha mãe me dá uma fala dura, mas ela é minha mãe. Eu conheço ela, eu sei o que ela tá querendo dizer com isso. E, às vezes, é até uma questão também um pouco regional, eu acho. Eu tenho essa sensação, porque quando eu vou pra fora de Pernambuco, eu sinto que existe uma tentativa em ser mais doce e educado, mesmo que sem necessidade, sabe? Quase de uma maneira fria. Minha mãe é apaixonadamente dura. Ela é dura, mas ela é carinhosamente terna na sua própria maneira. Ela teve uma realidade de criação muito diferente da minha. Minha mãe tem onze irmãos. Ela cresceu com onze irmãos no Alto do Refúgio, durante a década de 70 e 80, em condições completamente desfavoráveis. Minha mãe chegou a passar fome, minha mãe chegou a passar vários dramas, minha mãe viveu vários abusos psicológicos e físicos. Então, assim, o jeito que ela enxerga o mundo é diferente do jeito que eu enxergo o mundo. A melhor coisa que eu posso fazer é dar o ouvido pra ela. Eu sempre penso que tem aquela música do Legião Urbana - que eu sempre penso nessa música do Legião Urbana - a música "Pais e Filhos", que essa música me privou de muitas brigas com minha mãe, que é a frase "Você diz que seus pais não te entendem, mas você não entende seus pais". Então, sempre que eu ficava muito chateada com a minha mãe ou com meu pai, eu tentava colocar isso em perspectiva, sabe? Eu to sentindo isso, mas ela tá sentindo aquilo porque a vivência dela é essa. Então, eu tenho essa abertura com a minha mãe, pelo menos, de dizer assim "Olha, vamos conversar. O que eu estou sentindo é isso e isso porque o jeito que eu vejo as coisas é assim, assim, assado. A minha geração tem, geralmente, esse tipo de problema que a sua geração tem outro tipo de problema. E que existem coisas que eu vou falar pra você que você vai assumir como um grande drama porque a sua geração não está acostumada a lidar com problemas de saúde mental. Então, vamos conversar, vamos chegar em um meio termo pra gente se entender." E

²⁶ RT, de *retweet* do *Twitter*, é uma abreviação usada quando republicam seu conteúdo nesta rede social. Podendo ser com ou sem comentários anexos a republicação.

isso resolve boa parte dos dramas e resolveu também essa *arenga* com o *leve.mente.insana*. Tudo foi perguntado, acabo pedindo o consentimento. Às vezes, eu não peço, mas aí é porque é ousadia minha mesmo, principalmente do meu irmão. O meu irmão não tem direitos, ele não tem direitos.

Janaina: [Risadas]

Bennê: Meu irmão não tem direitos. Ele vai aparecer querendo ou não. Às vezes, ele fica com raiva, ele fica possesso.

Janaina: Depende do jeito que botar ele. [Gesticula e ri]

Bennê: É, depende de como botar ele. Ele fica “Mermão, fica me botando nesses negócios aí” e aí, às vezes, ele fica “Mas eu tava muito gato nessa tirinha”.

Janaina: [Risadas]

Bennê: Ai ele fica recebendo umas paqueradas nos comentários e aí ele fica “Pode fazer aí, pô, pode fazer aí”. [Risadas]

Priscila: É muito bacana isso que você falou, Bennê, dessa coisa de você olhar pra realidade da sua mãe e entender que é uma coisa que você não entende, na verdade, né? Que é uma coisa muito dela e que, talvez, você não está num lugar pra competir. Que você tem uma outra experiência e tal. E é muito bacana, também, você ter salientado que você tem esse cuidado, né? Você sabe, você faz piada com isso nos quadrinhos, mas são piadas que você tem um tanto de cuidado. Você falou uma palavra importante: o consentimento dela. E aí, uma outra pergunta pra sua mãe, se ela se sente também autora. Você, Janaína, se sente também autora desses quadrinhos? Quando você começou a se perceber ali “Nossa, eu falei isso” “Essa sou eu” e aí quando Bennê vem e te consulta também, você de certa forma cria junto com ela?

Janaina: Sim, mas eu tive, assim, a realidade de eu estar envolvida quando eu comecei a participar das feirinhas e todo mundo vinha “Meus parabéns, eu vejo a senhora na tirinha”. Aí

eu comecei a entrar na realidade, antes disso, não. Mas eu fico muito besta, eu fico “AHA”, “Aí, eu to famosa, minha filha”. Meu deus do céu, qual foi a parte, mesmo?

Bennê: É que chega uns quadrinistas famosão, tá ligado? “É a senhora, é a mesma! Mãe de Bennê, como é que vai? A senhora é incrível!” [Gesticula]

Janaina: Eu? Eu fico muito besta! [Risadas]

Priscila: Isso é muito importante, né? Não só a senhora aparecer nos quadrinhos e etc. Mas também, ter essa vivência de ir nos eventos junto. Ser apresentada, estar junto com a artista de certa forma. Eu acho que é muito importante pra você sentir essa autoria também, né? Você se sentir que faz parte disso não só como uma mera personagem, mas como inspiração também.

Janaina: É, mas a gente... Eu só não participo das feirinhas quando ela vai pra muito longe. Que ela viaja de avião, claro, né? Porque até o avião a gente vai junto, mas eu acho um máximo.

Bennê: Cara, eu considero minha mãe coautora.

Janaina: Eu me divirto na feirinha mais do que ela. Eu vou pra me divertir.

Bennê: Ela fica lá, passando na mesa dos outros.

Janaina: Eu ando tudo, perturbando a turma. É eu. Eu acho muito bom.

Bennê: E ela acaba virando a mãezona de todo mundo no rolê, tá ligado? Daqui a pouco ela adotou uns cinco artistas diferentes e ela tá lá “Menino, não sei o que lá-lá-lá” às vezes ela começa a dar um bale²⁷ nos outros e eu fico “*Mainha*, tu nem conhece essa pessoa, tu conheceu essa pessoa hoje e tu tá dando um bale nessa pessoa, calma”. Ai, ela tá sempre participando, mas eu considero ela uma grande coautora. Às vezes, não diretamente. Tudo que eu fizer, artisticamente falando, vai ter uma mão da minha mãe por trás, assim. Quase como se

²⁷ Expressão regional que significa “dar um fora”, “dar uma bronca”.

eu fosse realmente uma marionete, porque muito do que eu sou enquanto pessoa, reflete muito na criação. Então, o jeito que ela me criou, o jeito que ela pensa, o jeito que ela mantém as coisas, por mais diferente que eu seja dela, ela acaba sendo uma influência muito forte. Quando eu penso nos personagens, existem algumas delicadezas que eu tento ter, por exemplo: eu tento tornar os meus diálogos nas tirinhas simples. Eles são simples de propósito. Às vezes eles rimam de propósito. Às vezes, eu penso assim “Isso é algo que a minha mãe, ela leria até o final?” Porque minha mãe ao mesmo tempo que ela é inspiração, ela acaba sendo de certa forma, o público-alvo também. Porque eu quero atingir pessoas comuns, sabe, tipo, pessoas comuns... Eu não quero ficar presa nesse rolê do tipo, aí, quem lê a minha tirinha e fica lá “Meu Deus, o que significa o conteúdo dessa tirinha?”, um grande debate estilo Laerte²⁸. “Nossa mas é tão metafórico, tão metafísico”... não, às vezes, eu quero que o que seja consumido com pessoas comuns, sabe, eu quero que seja simples mesmo. Então, ela é ao mesmo tempo inspiração, ela é a minha leitora-beta. Na verdade, não é a leitora-beta, ela é meu ouvido-beta. Todas as histórias que eu crio, eu testo primeiro nela, então, tipo, criei uma história maluca para uma coisa maluca, aí eu conto para ela. É muito bom que ela sempre pergunta: “Isso é sonho, isso aconteceu ou tu inventou?” Tá ligado? Ela sempre faz essas perguntas “É sonho, aconteceu ou você inventou?” Aí exatamente, ela tá ali fazendo toda essa curadoria ali, ela... Eu conto uma história, se a história não funcionou e em algum momento *mainha* ficou olhando para mim assim “O quê?! Eu me perdi!”, eu sei que ela não funciona, eu sei que eu preciso mudar alguma coisa nela ali. Existe alguma coisa na narrativa dela que não tá fluida, aí então ela sempre lê as coisas primeiro, porque eu quero que as coisas passem e sejam entendidas. Mano, não quero que as coisas fiquem assim tipo fluindo no mundo das ideias, não quero que exista essa barreira, sabe? Como foi que eu comecei a postar as tirinhas em quadros isolados? Quando virou moda de postar as coisas em carrossel²⁹? Eu poderia não usar carrossel no meu Instagram, mas eu decidi usar o carrossel porque era mais fácil para ela ler, porque força menos a vista. Porque ela não precisaria ficar dando zoom para ela ler as tirinhas, caso ela quisesse ler, porque elas estão separadas por quadros.

E se ela tem uma dificuldade *x* de enxergar as coisas mesmo com óculos, outra pessoa vai ter esse mesmo problema. Então, às vezes, acontece de ter uns idosos comentando na tirinha, tem uma quantidade de idoso ali, porque a galera acha confortável de ler também, a galera acha o

²⁸ Famosa cartunista que atualmente tem seus trabalhos publicados na Folha de São Paulo.

²⁹ Estilo de publicação utilizada em meio digital em que os quadros são separados e você “arrasta” para o lado e ver o próximo, facilitando a capacidade de leitura.

diálogo confortável. Não existe uma barreira, nem de linguagem de maneira de montar a frase, nem de obstáculo visual no Instagram, não é difícil para pessoa consumir, então, tipo... Ela é uma grande crítica, é uma leitora-beta, é uma influência. Então assim tudo que eu faço tem muito a mão da minha mãe, e eu não nego de jeito nenhum, tá ligado? Ela é muitas vezes coautora, às vezes, eu tô, tipo, tem uma... tô escrevendo eu não consigo pensar numa solução, aí ela vem com uma solução mais estapafúrdia do universo, assim quase inacreditável, porque é extremamente simples, é extremamente simples. Você tá ali tentando pensar na parada super elaborada e ela traz uma solução extremamente simples, “Mas rapaz, por que esse personagem é burro desse jeito? Por que ele não fez isso?”, aí eu fico “Realmente, porque ele não fez isso? Poderia ter feito isso, muito mais simples”. Então ela acaba dando também esses pitacos mesmo, de acabar sendo um texto escrito a duas mãos. Tem que pagar *royalties*, disse para ela agora.

Janaína: Empresária!

Ingrid: Tem que levar mais ela pros eventos. Uns longe também.

Bennê: Não!... O negócio é que eu que tô pagando pra ir pros eventos, aí eu não consigo eu não consigo bancar. Tenho que começar a dizer assim: “Não, gente, eu só vou pra esse evento se a minha assessora puder ir também.”

Janaína: Aí ela não vai! [Risadas]

Bennê: Tem que pagar a passagem da assessora.

Janaína: Melhor ela ir.

Ingrid: Então... Aí, comentando um pouquinho dos quadrinhos, você falou do “Não identificado”, né? Que o grupo aqui deu uma lida nele, eu levei lá para sala, então todo mundo deu uma olhada...

Bennê: Cheio de erro de diagramação, né? Depois que você olha, depois de um tempo, aí você percebe que a balonagem é podre, nossa! Feia aquela balonagem.

Ingrid: E assim, nesse quadrinho tem uma mistura assim das coisas do cotidiano que você vê, desse ambiente, né? No subúrbio, só que também tem coisas muito fantásticas. E aí, assim, sabendo um pouquinho do que você quer do X-men, dos quadrinhos, você pretende, tipo, trazer algo novo para sua produção, tipo, misturar o fantástico com o cotidiano?

Bennê: Eu acho que em parte eu tento fazer isso um pouco. Por exemplo, tem essa história... É porque acaba sendo mais viável para mim ter essas liberdades criativas quando estão pagando a “mãe”, né? Quando tão bancando, porque eu acabo tendo mais espaço, mais liberdade. O “Não Identificado” ele foi financiado pelo SESC então eu tive esse espaço para criar uma coisa que eu quisesse. Existe outra história que saiu no compilado da “Plaf - Apresenta”³⁰ que é, tipo, quase um horror noir, assim quase uma história noir, de detetive — que é um tema que eu curto bastante também—, que é sobre essa investigadora que vai atrás do assassinato do pai de um rapaz e eu queria utilizar essa estética noir que eu gosto de detetive anos 50. Assim, só que em vez de manter aquela mesma figura do detetive canastrão ser uma detetive, simplesmente porque eu achei legal, tá ligado? Eu queria fazer uma personagem, eu queria contar essa história. Então, às vezes, eu brinco com fantástico, quando eu sinto que é conveniente, quando sinto que tem espaço ou quando eu posso, financeiramente falando. Eu inclusive acho mais divertido colocar algum elemento de fantasia nisso, mas depende um pouco do financiamento porque, tipo, para sentar e me dedicar numa história sem estar recebendo por ela fica um pouco complicado, porque eu tenho que dar prioridade para os trabalhos que estão pagando, sabe? Aí, eu acabo deixando esse meu espaço mais criativo para coletâneas de quadrinistas, tipo, ah, vai ter uma coletânea, juntou um grupo de quadrinistas, a gente vai fazer uma coletânea... por exemplo, vai ter um trabalho de serial killer, que eu não escrevi mas eu desenhei, que foi para Classificados³¹, que é... que tá publicado online, no momento ainda não foi impressa, mas é o plano que a gente imprima. Tem esse da Plaf, que é um quadrinho de investigação noir, eu tô planejando muito ficção científica para o compilado de quadrinistas indígenas, que, na verdade, tem que sentar para escrever. Eu não tô com tempo, mas eu vou sentar pra escrever isso, que é ao mesmo tempo que mistura um cenário de fantasia estilo D&D³², tem elementos de *cyberpunk*³³. Então, assim, é uma parada que vou brincar esteticamente com outros temas. Mas aí que eu

³⁰ Antologia que reúne artistas da cena brasileira de quadrinhos.

³¹ Antologia de quadrinhos.

³² Dungeons & Dragons: famoso jogo de estilo RPG

³³ É um subgênero alternativo de ficção científica, conhecido por seu enfoque de "alta tecnologia e baixa qualidade de vida"

curto fazer essas paradas mais doidonas, mas é preguiça, véi, preguiça, preguiça. Chega o fim de semana, eu larguei, não vou fazer isso, vou fazer outra coisa. Aí... a preguiça mesmo, que é maior vilão do ser humano, é só o que me impede, mas eu tenho interesse sim para outros temas. Fica aí né, fica aí no próximo, recente... Ah, sem falar que eu tenho uma história de vampiro, que eu nunca terminei de fazer, nunca terminei de desenhar, eu escrevi, eu fui, desenhei a umas 12 páginas dela, o roteiro era para ser de 24 páginas, mas aí eu pausei e o meu estilo mudou, aí eu perdi as 12 páginas que eu tinha. Eu teria que refazer tudo do zero, que é o “Dama da Lua”- é um contoquinho de vampiro no Brasil colônia, tá ligado? Que eu escrevi durante uma aula, mas eu gosto dessa história também ela tá escrita e eu só não sentei para pegar nela de novo.

Vinicius: Agora inclusive acho que era um momento bom, né? Agora que tá voltando a *vibe* do Crepúsculo voltou. Eu digo, entre a gente...

Bennê: Não... é porque, assim, “Crepúsculo” é outra coisa. Esse, o “Dama da Lua”, ele é mais... — não que não tenha voltado também, porque saiu a série agora do “Entrevista com vampiro”, né, que eu ainda não assisti mas saiu a série do “Entrevista com vampiro”...— o dama da lua é mais “Entrevista com vampiro”, que é aquela parada mais antiguinha, sabe? É mais dramático. É tipo... o “Dama da lua” basicamente é uma história de... Como se fosse uma lenda... São dois personagens contando como se fosse sobre essa figura, que vira quase uma assombração, ela é um tida como uma assombração na cidade, que é a Dama da lua, que ela só aparece nos lagos na noite lua cheia e que na verdade ninguém sabe o que é. A galera acha que é só uma lenda, uma lenda, um conto, assim de visagem, historinha de assombração, mas... Existe esse personagem, que é o Cristóvão, ele é um vampiro e ele tá contando para outra vampira recente transformada, que é a Quitéria, que essa lenda urbana não é uma lenda, não é um conto de assombração, é na verdade uma história de vampiro. Então ele vai e conta toda essa história sobre a Dama da Lua, que é uma garota que acaba entrando numa igreja no lugar errado, na hora errada, e descobre que o padre da cidade, ele é um caçador de vampiros. Ele tinha trancado um vampiro lendário dentro do assoalho da igreja. Ela abre o caixão porque ela é uma grande curiosa safada. Aí ela acaba sendo mordida e é tido como... mais como uma maldição, a transformação, do que necessariamente um veneno. Então, tipo, quando a pessoa começa a se transformar ela fica bem doida das ideias e ela cai no lago numa noite de lua cheia. Então, tipo, essa história de vampiro é na verdade... essa história de fantasma na verdade é uma história de vampiro então, tipo, é um contoquinho assim, como se

fosse uma lendinha quase fantástica... eu na verdade... essa história é super... eu comecei a escrever isso... sabe aquela história que você vai escrevendo, você é jovem e ela nunca termina porque existem milhões de personagens, você começa a inventar coisas e não consegue terminar? É essa história de vampiro minha. Na verdade, isso é, tipo, um conto que tem dentro da história maior que eu nunca consegui terminar. Mas aí eu comecei a quadrinizar na época e nunca levei à frente.

Janaína: E a história é boa porque eu acompanhei e ficava “Cadê mais? Terminou? Mais...” e ela parou e me deixou gelada. Eu fico perguntando para ela, “Num vai terminar não, menina? Pelo amor de Deus! Eu tô curiosa!”

Bennê: Já faz o quê? Anos. Tá há anos esperando, um *hiatus*, uma geração! É muito bom... *mainha* foi... mãe, na maioria das vezes, toma conta de uma senhora, né, ela é empregada doméstica e toma conta da senhora. A senhora teve ataque do coração?... Teve um piripaque do Chaves lá, a véia e foi parar na UTI, aí eu tinha impresso safadamente o quadrinho, porque ele era só, tipo, preto e branco, alto contraste, assim. Eu tinha impresso, fiz uma capa sem vergonha e disse “não, mainha, vai, tu vai passar a noite com dona... lê aí o quadrinho, aí depois tu me diz que é que tu acha”, que eu só tinha feito a metade, aí ficou lá. Inclusive foi na época que eu tive que definir se seria Bennê ou Bêne, porque eu falava Bennê mas eu não usava acento, então...

Janaína: E foi ela que disse “Tem acento?”

Bennê: Foi a patroa da minha mãe que disse.

Janaína: Ela era a professora de português, então disse “Bennê? E tem algum acento?” e eu digo “Eu não sei”.

Bennê: Não, ela disse “é Bennê ou Bêne? Porque não tem acento”, ela até escreveu na capa do quadrinho. Ela fez um circunflexo assim com caneta azul em cima do meu nome na capa. Aí eu disse não, ela escolheu aqui, né, ela já botou aqui. É circunflexo ou sem circunflexo? Então é Bennê.

Janaína: Aí ficou Bennê.

Bennê: É porque eu falava Bennê, mas aí chega essa parada de tipo “Ué, mas?”

Janaína: Bennê...

Bennê: ...Dificuldades né? O nome foi criado de maneira coletiva, eu sou um conglomerado de pessoas, sou... um Megazord³⁴.

Priscila: Bennê, muito interessante essa última resposta que você foi dando, né, porque você foi falando de várias coisas. Assim, por exemplo, você falou que você gosta dessa coisa mais *noir*, você trouxe a questão da “Entrevista com o Vampiro”, a gente falou de “Crepúsculo”... Aí a gente tinha essa pergunta também, de perguntar, pedir para você falar, não precisa explicar muito, ou se você quiser explicar sobre as referências, assim, que você tem, né? Não só de filmes, necessariamente, mas referências de um modo geral, assim, para que lugares você costuma olhar além da sua mãe e dessa coisa do cotidiano, assim, né?

Bennê: Eu, assim, eu sou muito ruim de consumir coisas de uma maneira muito consistente, sabe? Eu não sou uma pessoa que assiste muito filme, nem vejo muita série. É... mas eu eu gosto muito de ficar no Tumblr³⁵, vendo o quadrinho dos outros do Tumblr, tá ligado? Tô há 10 anos fazendo isso... Às vezes, assim, tem muitas quadrinhos autobiográficos, a galera do Tumblr sempre teve essa esse rolê assim, fazer umas histórias... E tem uma quadrinista que eu não consigo lembrar o nome, eu só sei que tem vários trabalhos dela que aparecem na minha página de vez em quando, que são pequenos pontos de fantasia, sabe, são pequenos pontos de fantasia. Ela chama de... “*Comic hour day*”³⁶? Ela posta tipo um quadrinho por hora e durante o dia, ela fecha uma história completa e... às vezes eu fico procurando entretenimento assim mais curtinho, sabe? Eu gosto de séries, mas eu sou mais, tipo, quando eu vou assistir alguma coisa mas que tá rolando mesmo por aí assim “Ah, todo mundo tá assistindo”. Apesar que recentemente eu tô bem negligente até com série mesmo, faz tempo que eu não assisto. Mas tem coisa que eu gosto de visitar, tipo, sei lá, “Dark”, “Hannibal”... É uma *aesthetic*³⁷ diferente do que eu tento passar no meu trabalho. Eu... eu gostaria... eu

³⁴ Originário da franquia *Power Rangers*, *Megazord* é um robô formado por robôs menores, que em conjunto se tornam mais poderosos.

³⁵ Rede social do estilo blog.

³⁶ *Hora cômica do dia*, em tradução livre.

³⁷ *Estética, estilo*, em tradução livre.

curto, mas eu sei que eu ia tocar num ponto meio do macabro, que eu ia perder mais seguidor do que ganhar. Eu sei que o meu Instagram não aguenta, é uma parada que o Twitter aguentaria, mas eu abandonei o Twitter questão de sanidade, mas o Instagram não ia aguentar... Então eu prefiro não ficar no rolê mais pesado. Tipo, sei lá, tem uma página de só... com textos que eu chamo de “Sala de autópsia” isso, tipo, metade dos textos com horror corporal, assim, “Abro a mim mesma, me decepo enquanto ser humano. Passo a mão em meu próprio coração. Beberias do meu sangue?” É uma parada muito assim, tipo, eu sei que não rola no *leve.mente.insana*, combina com o nome “Leve mente insana”, mas não com o que o *leve.mente.insana* se tornou com o passar do tempo, sabe? Então, eu deixo para em algum momento eu fazer essa coletânea e só ter ela impressa, porque os seguidores de 60 anos iam ficar meio assim “O que está acontecendo?” Mas eu acabo buscando esse tipo de entretenimento, essa parada mais, sei lá, temas mais pesadinhos assim, sabe? Aí, vamos assistir Cristiane F! Mara... Mano, eu tive uma época que eu tava maratonando filme de drogado, só filme de drogado... “Vamos assistir filme de jovens usando drogas e se perdendo na vida” porque eu tava nessa vibe, tá ligado? Vamos ver, vamos ver gente maluca, vamos ver gente se perdendo para as drogas. Às vezes, é o entretenimento que eu busco. Mas é, a gente vai assistir um filme no cinema, vai assistir um Guardiões da Galáxia, sei lá... [Respondendo o chat] Não, não vi “The Void”³⁸, apesar de que tava na minha lista também, só que tá na minha lista faz um tempo. Quem foi que me disse esse filme? Eu não lembro quem me recomendou. Foi você, Ingrid?

Priscila: Aí, recomendo. E visualmente, ele é muito bonito também, acho que você ia gostar...

Bennê: ... me recomendou esse filme, alguém tinha me falado sobre isso, mas é isso, assim... É normal, claro, somos todos normais, “todos normais... na ala psiquiátrica de Jesus!”. Todos normais! Aí, é isso. Eu acho que eu curto mais umas fantasias, às vezes eu vou assistir um filme da Marvel também, tem essa... Acho que depois do filme Bacurau eu fiquei num rolê mais consumir, também, cinema brasileiro. O problema é: eu gosto de assistir... tem filme que eu sinto que eu que não funciona para assistir em casa. Então, lançou um filme no cinema, principalmente esses filmes brasileiros, assim, eu quero ver no cinema. Eu quero ver no cinema porque eu acho que é um ambiente que me propicia foco, sabe? Eu consigo focar

³⁸ Filme canadense de 2017.

na história sem ficar parando, sem ficar querendo... E aqui tem um cinema bem antigo, que é o São Luiz, o cinema São Luiz é um cinema meio histórico aqui, assim, que ele tá em reforma faz um tempo. E, inclusive, eu lamento porque era o meu lugar favorito de assistir filme brasileiro, que tinha recém lançado. Assim, tinha a estréia, às vezes tinha elenco, a galera ia para lá fazer uma *première* nesse cinema. Ele é um cinema bem antigo, assim, bem histórico para cidade.

Janaína: Qual foi o filme que... que tava o artista lá?

Bennê: A gente foi ver aquela “Medida Provisória”³⁹. Teve estreia de “Medida Provisória” com Alfie Enoch, Taís Araújo. A gente perdeu o dia da pré-estréia, mas... Inclusive, é um filme legal, assim, é um filme que você consegue sentir que esse filme foi inspirado numa peça de teatro, apesar de ser uma linguagem diferente você consegue sentir a referência do teatro por trás. E, às vezes, eu vou assistir, eu vou assistir essas paradas desse jeito porque... eu acho que a gente se acostumou muito a consumir conteúdo estrangeiro e se acostumou a assumir que aquele conteúdo estrangeiro, ele é melhor do que qualquer coisa que a gente produza. Tanto que às vezes... Acho que *mainha* tem mais esse preconceito com conteúdo brasileiro, ela fica tipo assim...

Janaína: Filme brasileiro no cinema? Vou não.

Bennê: É exatamente isso que ela disse, aí eu levo ela de todo jeito.

Janaína: Ela me leva a pulso. Eu digo “Eu vou assistir em casa, menina!” “Mas bora, mãe, é pra incentivar a cultura!”.

Bennê: É pra incentivar a cultura nacional, vamo pagar esse ingresso, essa... esse ingresso inteira. Nem é a meia, é inteira. Aí eu vou arrastar... Às vezes, é umas críticas que eu acho meio besta, tipo “Ah não, filme brasileiro é cheio de palavrão!”. Tu fala palavrão também, todo mundo fala palavrão, tá todo mundo falando palavrão o tempo todo. O cinema, ele tá representando a população brasileira, tá mundo falando palavrão, aí tu vem me dizer “Ai não, filme brasileiro tem muito palavrão”. Tu num tá vendo filme... os palavrão no filme dublado

³⁹ Filme brasileiro de 2020.

porque a galera dubla sem palavrão, mas eles tavam falando os “*fuck, fucking, motherfucker...*”

Janaína: Aí tem lá: “*Fuck you!*” Aí dá pra ver que eles tão falando palavrão.

Bennê: E estrangeiros, norte-americanos e britânicos... Apesar de, por exemplo, a minha família atual, as tia... cresceu um quantidade incrível de “*tia dorameira*”. Exatamente, as tias do *dorama*⁴⁰. Essa daqui é uma tia *dorameira*, ela já maratona metade das coisas da Netflix⁴¹ de série coreana. Fica ela e a minha tia, que é irmã dela, dizendo assim “Não, tu assistisse esse daqui?” Ah, é minha tia de quase 60 anos “Assisti, esse daqui é muito quente.” A minha tia evangélica, tá ligado? “Esse aqui, esse aqui é muito, muito de safadeza!”

Janaína: Ela que passa pra mim. [Risadas]

Bennê: Aí fica lá, a galera compartilhando os *dorama*. Mas eu acho que é importante, assim, a gente ter esse... virar esse olhar, sabe? Às vezes, me inspira a consumir outros conteúdos, principalmente tentar assistir mais coisas brasileiras. Saber o que que tá rolando, saber... Tentar entender também porque não funciona, sabe? Porque para uma parte do Brasil, o conteúdo brasileiro sério de filme não pega. Você tenta entender, sabe? Eu tenho essa curiosidade . A galera não continua lá porque acha ruim, porque acha tecnicamente inferior...

Janaína: Porque não dá público, alguma coisa...

Bennê: Ou porque se incomoda em se ver exposto no espelho, porque a gente trata de... quando a gente fala de realidades brasileiras a gente... a gente acaba se olhando, sabe? E nem sempre você quer se enxergar na sua pior face. Nem sempre você quer enxergar o pior que a gente tem a oferecer, sabe? E é uma pauta que vai e volta nos filmes. É uma opinião que eu tenho até mesmo sobre a minha relação com meu pai, sabe? Nada dói mais do que se olhar no espelho. É sobre até como eu uso para pensar, assim “Por que ou que eu não gosto disso? Ou por que eu e essa pessoa não nos damos bem? O por que esse conteúdo, ele me incomoda?”. Às vezes, é porque dói demais se olhar no espelho, se enxergar naquele naquele espaço ou se enxergar como perpetrador de alguma violência. Então, eu tento consumir esses

⁴⁰ Novelas e séries de origem sul coreana que ganharam muito popularidade através do *Hallyu*.

⁴¹ Serviço de *streaming* de filmes e séries pago.

conteúdos para tentar também entender, entender o que que rola, sabe? Por que que a gente tem essa rejeição. E ficar pagando pau para filme de estadunidense quando até o próprio, o Estados Unidos, está vivendo crise e vários problemas, não é um mar de rosas, sabe?

Janaína: Nenhum país tá um mar de rosas.

Bennê: Nenhum país tá um mar de rosas... Num sei, não vou opinar. Mas não pra mim, né, pra mim não há no Brasil um Brasil para mim. Olha, “Marte Um”⁴² [Lendo no chat]... Apenas recomendações, recomendações da equipe de artes, hein? Gente, recomendações sérias, recomendações dos universitários.

Priscila: Esse filme, Bennê, eu pensei nele logo que você começou a falar, sabe? Dessa coisa do cotidiano e de trazer um tanto dessa... ah, dessa vivência de pessoas comuns assim, enfim, que sofrem racismo, tem toda essa herança zoada e tal, mas de uma forma que não seja para expressar a dor, sabe? Acho que esse filme, o Gabriel Martins, ele consegue fazer isso, sabe? Não associar essas pessoas a esse tipo de discurso e a outros discursos assim, sabe? E enfim, já que você tá falando de filme, que você gosta de filme brasileiro deixei a recomendação, vou parar... mas...

Bennê: Não, amo! Brigada, sempre um prazer!

Ingrid: Aí agora, a gente está acabando. Assim, tem a nossa última pergunta aqui. Como começamos perguntando para Janaína, vamos terminar perguntando para Janaína, também. Uhuuu! Se você pudesse escolher alguma coisa, assim, pra Bennê desenhar que você acha importante, o que você escolheria?

Janaína: Eu adoro quando ela desenha a nossa família, só que às vezes eu digo para ela, que ela erra em mim, ela fica muito puta quando eu digo “Parece comigo não!” Mas é, é para perturbar ela! Ela num... Mas eu gosto quando ela desenha a gente, nós.

Bennê: Eu não posso desenhar ninguém em casa. Se eu desenhar... Eu desenhei uma pessoa, ela diz “Não, agora você vai ter que fazer o resto!” Aí eu “como assim fazer o resto?” “não,

⁴² Filme brasileiro de 2022.

você tem que fazer seu irmão, tem que fazer o seu pai, tem que fazer todo mundo agora! Agora você vai ter que fazer todo mundo”.

Janaína: Ah eu, eu tenho cinco irmãs, ela só faz eu e mais uma. Aí eu digo, tem que fazer mais outras quatro!

Bennê: Só de irmã! Porque os irmão é seis! Eu não vou fazer de jeito nenhum, tá ligado? Ó, esse é o problema de ter uma família grande, não dá. Porque vira uma guerra. Você deve, você pinta um, todo mundo quer ser desenhado, um inferno.

Janaína: Pois é, num dá.

Bennê: Mas acho que é isso. Num sei às vezes...

Janaína: É, eu gosto quando ela desenha a gente.

Bennê: ...Às vezes ela gosta... Eu vou opinar com você, não é nem por nada, mas é que eu tenho a sensação que a senhora curte muito quando eu desenho coisas da casa também, coisas que tu bate o olho e tu consegue reconhecer na arte, saber o que é de primeira assim...

Janaína: E tudo no círculo aqui em casa, às vezes ela... ela desenha a galinha, quando a gente tinha a galinha, e a planta, a minha cozinha, aí, eu fico igual boba. Eu não deixava nem ela vender, diga “Eu quero!”. Tudo que ela faz, eu quero. Olho grande, ôi grande!

Bennê: As telas, principalmente, ela não me deixa me desfazer das telas. Às vezes eu fico assim “Não, eu quero vender essa tela!”, não, *mainha*, ela fica “Eu compro!”. Não, não vou cobrar da minha própria mãe, tá ligado? Aí tá lá, na sala, as telas na sala!

Janaína: Ela tem que fazer escondido porque eu... [Risadas] Se eu ver, eu quero.

Bennê: Aí, às vezes, eu desenho, tipo, tem um amigo meu que eu desenhei ele. Aí ela fica “Por que tu tá gastando tela com esse menino? Tá desenhando ele por quê?”

Janaína: É isso, gente.

Priscila: É... Bom, alguém tem mais alguma pergunta, do grupo? Alguém gostaria de falar mais alguma coisa? Até vocês, também, se quiserem acrescentar mais alguma coisa?

Bennê: Não gente, a gente falou demais! [Muita risada] A gente só fez falar.

Priscila: Imagina. Foi muito bom ouvir vocês, gente, de verdade, assim foi muito bom mesmo. Um prazer conhecer você Bennê, Janaína também. Eu acho que vocês entregaram mais do que a gente estava esperando. Assim, foi ótimo! Parabéns pelo seu trabalho, é um trabalho realmente, assim, é simples, mas eu acho que ele é muito forte. Eu acho que tocou todo mundo aqui do grupo, além de tocar o seu... todo o seu público e agradecer também Janaína por aceitar participar de mais uma dessas façanhas da sua filha.

Janaína: O prazer é todo meu.

Bennê: Não, quando eu disse “Não, a senhora vai ser entrevistada”, aí ela “Por que eu?”
[Risadas]

Priscila: A estrela, né? A principal estrela, a protagonista! Mas foi ótimo, assim, muito bom mesmo. É... eu achei muito bonito tudo que você falou, assim, principalmente essa relação com a sua mãe, o modo como que... até na interação de vocês, sabe? Eu achei muito bonito mesmo e eu acho que só trouxe mais gen... genuidade para os quadrinhos. Desculpa, gente. Mas aí eu agradeço mesmo, muito obrigada, se alguém do grupo quiser colocar mais alguma coisa, também fazer um comentário, vocês estão de parabéns, gente. Vai ficar maravilhosa a entrevista.

Janaína: Obrigada.

Bennê: A gente que agradece, o carinho, a atenção, para mim, a disponibilidade. É sempre legal ter oportunidade de falar. Eu agradeço por ter convidado a minha mãe para participar, eu acho que essa é a primeira vez, assim, que diretamente rola um convite para ela falar e é uma voz que me dá prazer em “dar palco”, assim, sabe? Eu realmente gosto de colocar a minha mãe e trazer ela para conversar comigo, porque... é uma dupla, gente. Nós somos uma

dupla, sabe? É o plano para a vida toda. Então, gente muito obrigada pela atenção, muito obrigado pelo carinho, pelas perguntas, foi um prazer.

Ingrid: Eu tô orgulhosa da gente, hein! Que a gente não fez nada esquisito, foi normal, assim. Parabéns para o grupo, para mim, para Bennê, para Janaína. O Vinícius cortou o Crepúsculo ali, eu achei importante também, porque vai pra lugares obscuros. Então... queria agradecer, né? Por vocês terem aceitado também participar, que foi meio do nada. Tipo, “Bennê, meu Deus, eu falei de você na aula aqui, agora já era, vai ter que participar” E muito obrigada!

Bennê: Eu ri muito! Chega a pessoa no WhatsApp dizendo assim “Não, tô fazendo um trabalho aqui”, aí eu “Ah legal, sobre o quê?” “Sobre você!”. “Oxe, da onde que veio?”. Aí Ingrid, vai Bennê, “O que que eu vou te perguntar?” “Num sei”. [Risadas]

Ingrid: Ô, não fale essas coisas! Não tinha que ninguém saber!

Vinicius: Vai ter que cortar, tá vendo? Isso aí não pode.

Maria Carolina: Revelações!

Bennê: Essa foi uma das coisas que mais me fez rir, eu chegava pra mainha e ficava “Ela tá querendo que eu crie a pergunta?”.

Ingrid: Não, mas, as perguntas a gente fez, tá? Não foi perguntas que Bennê passou. Aquelas. Será?

Bennê: E eu fui muito resistente, não quis, não quis dar nenhuma informação, não quis. Não quis ajudar a perguntar, que eu acho que é muito psicopatia eu ficar pensando nas minhas próprias perguntas.

Ingrid: Isso chama pré-entrevista, tá? Tem, tem um roteiro lá.

Bennê: Muito chique. Não estou julgando, acho muito chique a pré-entrevista.

Vinicius: Sabe o que, inclusive, até rolou? Teve um dia que eu fui na Pinacoteca com o Marcelo, o Marcelo D'Saete, né? Que eu tô fazendo um estágio com ele. Sei lá, se você conhece ele.

Bennê: Conheço porque não tem como não conhecer, um grande ícone, agora, pessoalmente eu nunca falei com ele, muito assim. [Gesto para cima]

Vinicius: Talvez agora já role porque agora ele conhece teu trampo, tá? Fiquei uma tarde toda lá falando com ele disso, daí e ele ficou vendo as tirinhas. Ele achou bem da hora.

Bennê: Nossa!

Vinicius: Então, se algum dia vocês se encontrarem nessa vida, ele sabe quem você é, mano.

Bennê: Nossa, que chique!

Vinicius: Fiquei catando perguntas, assim, trocando ideia com ele, sabe, sobre ele como quadrinista, o que que ele gosta de trocar ideia... foi da hora. O mundo é um ovo.

Bennê: Eu sinto que estou a seis passos de quase todas as pessoas do mercado de quadrinhos brasileiros, tá ligado? Tenho essa severa sensação. Às vezes, eu não espero. Eu gostei, tipo. Eu fui tipo, eu fui pro FIQ⁴³, pra um FIQ que teve e foi uma das coisas mais loucas da minha vida. Eu passando lá, porque eu não tava com mesa, só tinha ido para participar de palestra e de outras atividades dentro do FIQ, e às vezes eu passava na mesa das quadrinistas. E teve uma que eu passei na mesa tranquila, paz e tranquilidade, ela olhou para mim e disse “Bennê! Você não vir falar comigo?” e eu, tipo “Eu te conheço mas eu não sabia que tu me conhecia.” tá ligado? Não vou chegar numa pessoa e vou, tipo, meter essa, como é que eu ia saber que tu sabe quem eu sou. E ela ofendidíssima, “Não, mas num sei o quê” e eu tipo “Mulher, eu não sabia que você me conhecia”. Não tem como, não tem como, eu não vou chegar fazendo isso. Então, rola sempre essa parada assim, eu tenho essa sensação de que eu tenho mais gente que me conhece do que eu sequer sei que me conhece, principalmente dentro do mercado. E é sempre um prazer, é sempre uma felicidade, e é a galera mesmo que você quer

⁴³ Festival Internacional de Quadrinhos acontece anualmente em Belo Horizonte - MG.

trocar ideia em um rolê e sempre se manter por perto, né? E são as pessoas que te inspiram também.

Maria Carolina: Queria agradecer também. Foi muito boa a conversa e uma coisa que eu gosto muito, é quando tem uns quadrinhos do Nordeste, assim, os sotaques variam muito, né? Mas acho legal, cê tá lendo lá e ver as gírias e escutar, o diálogo entrar pelo meu ouvido, sabe? Eu sou natalense, assim, eu sou natalense, é diferente, mas tem uma gírias parecidas também.

Bennê: Tá passando um carro de som, não sei se vocês tão ouvindo. Espero que não.

Ingrid: A gente tá ouvindo sim.

Vinicius: É tranquilo, é até bom porque mostra que aqui é vida real.

Ingrid: É, tem uma veracidade.

Vinicius: Hoje foi um milagre que o meu vizinho não tocou. Então, é que também o meu vizinho, ele tem uma loja de som e ele instala paredão em carro, entendeu? Então, tipo, o dia todo testando som no palco e a janela treme. E aí, hoje foi um milagre que não rolou durante.

Ingrid: Eu acho que foi só o carro do ovo que passou aqui durante a entrevista, assim, começa a gritar o carro do ovo e “Peraí, gente! Vamos parar aqui porque tem coisas mais importantes!”.

Bennê: Eu só queria falar com a Carol. Carol, eu acho muito legal essa coisa de sotaques escritos assim, sabe? Inclusive, às vezes é complicado, porque tem coisa que a gente fala que a gente não sabe como é que se escreve. Sério mesmo, a gente não sabe como é que se escreve. Tipo você tá acostumado a escrever uma linguagem... Todas as oportunidades que uma pessoa vai ter que escrever, ela vai ou ter que escrever de uma maneira formal, para dentro do ambiente educacional... — Por exemplo, minha educação foi como a da maioria das pessoas focada em ENEM⁴⁴, a verdade é essa, tem que passar no ENEM. Então todas as

⁴⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

oportunidades que eu tive que escrever raramente eram escritas criativas, eram mais escritas de redação, e ,obviamente, eu não vou usar gíria. Eu não vou usar sotaque nesse tipo de espaço. Até eu começar a escrever as tirinhas, e, às vezes, eu me perguntava como é que eu escrevia, como é que eu passava pro texto coisas que são muito... muito comuns de se dizer. Por exemplo, o Pernambucano ele tem alguns estalares, assim, algumas formas de tipo... você não tá dando uma frase, você só tá tipo fazendo um “[estalar] ãmhum”, “apoi”, “hã” “hum” “hãm”, tá ligado? Tipo, às vezes você não precisa responder não, você faz “hum”. Aí, tipo, como é que você escreve o “hum” tendo a conotação certa, tá ligado? Pra frase. Para mim até hoje é um desafio. Tem hora que eu fico assim “Como é que... como é que eu transformo isso em linguagem escrita sabe?” e é uma coisa que a gente não percebe até ter que fazer. E o rolê do sotaque escrito eu curto muito a história do “Não Identificado” porque ele foi postado no Instagram do SESC e existe um comentário lendário que é o comentário do “Pois vocês fizeram uma pesquisa bastante inadequada porque esse sotaque está genérico! Deveriam escrever melhor esse sotaque! Dá para ver que a pessoa que escreveu não pesquisou bastante, não parece com sotaque de Salvador!” Aí eu fiquei “Realmente, não parece com sotaque de Salvador, porque não é” aí eu, “Amiga, tudo bom, veja só, eu sou de Recife, eu escrevi do jeito que eu falo. Eu acho que talvez eu não precise pesquisar mais porque eu realmente escrevi do jeito que eu falo. Talvez não seja a falta de pesquisa, talvez seja uma questão de regionalidade, mas tudo bem”. Aí eu comentei isso no *Twitter*, a galera foi atacar a mulher, eu disse “Minha gente, não é pra atacar a *mulé*, não! A *mulé* não, a mulher tava... a mulher foi com a pedra, ela mirou a pedra no Sesc e atirou a pedra em mim, a culpa não é dela, ela quis dar a pedrada no SESC. não foi em mim, ela não sabia”, tá ligado? Mas nem é isso. Também, como a gente tá pouco acostumado a confrontar o sotaque de forma escrita, também. Até para fazer mesmo... e eu poderia, eu poderia forçar mais a escrita do sotaque, por exemplo, aqui a gente tem uma tendência de não falar “estava”, a galera fala “tarra”. “Tarra fazendo um negócio ali” e eu raramente escrevo assim, porque eu ainda sou muito vítima das regras ortográficas, então, tipo... eu acabo me prendendo e não fazendo isso. A galera fala “mermo”, “tarra”... então tipo... existem certos...

Janaína: “Ô mininu!”

Bennê: E é um menino com “u” no final, não é menino com “o”, é menino com “u”. Fica muito claro que é um menino com “U”. Então tipo existem coisas que eu poderia dar essa forçada e eu evito. Eu evito, às vezes, pra... não sei bem porquê, eu acho que é mais um erro

da galera ficar dizendo que eu escrevi errado. Mas é uma parada que em algum momento eu vou tentar expressar melhor. Eu tenho um quadrinho que eu queria escrever, que ele era nessa mesma pegadinha do “Não identificado”, nesses quadrinhos com formato quadrado, que serve para todos os públicos, que ele ainda tá em um processo de criação, assim de pensamento, que é basicamente sobre crianças esquecidas no churrasco inspirado na “Adriana Bombom”⁴⁵, mas sem ser a Adriana Bombom, tá ligado? Minha família dá churrasco com muita gente, minha família tem muita gente e é muito fácil a criança se perder no churrasco, a mãe se perder no churrasco. Ninguém sabe mais onde ninguém tá.

Janaína: Mas ninguém leva o filho errado não, viu?

Bennê: Claro, ninguém quer essa bomba. Quem quer essa bomba? É difícil lidar com o próprio filho, quanto mais dos outros. Mas é mentira!

Janaína: Na minha família, é um pior do que o outro.

Bennê: ... Ela tá mentindo porque tem umas tias que querem sequestrar os filhos dos outros. Tu acha que tia... é... como é, meu Deus? Tantas tias... a mais nova, Elâine, Elaine, eu sempre me confundo Elâine, Elaine...

Janaína: A minha irmã caçula quer me dar o filho dela pra mim.

Bennê: Tu acha que por ela ela não fazia banco com pirralho, levava o pirralho, “Vai carrega aí, carrega o pirraio aí que eu quero não mais, não”. Galera disse que quer trocar, então, tipo, é isso. Eu queria escrever mais firmeza assim... Fazer um estudão mesmo de como minha família fala, porque tem umas pequenas diferenças. Acho que os sotaques em todos os sotaques variam muito. Tem “bolsa recifense” também, em todo lugar tem a classe rica da cidade que fala de um jeito diferente, então, tem o bolsa Recife que ele fala muito “ãssim sabe?” [forçando o anasalado]. Ele tenta, ele tenta ser outra coisa, mas ele é só um recifense. Mas... e tem também a galera do subúrbio, assim, bem para dentro da família. Toda da minha mãe é bem do Alto do Refúgio, a galera que mora lá em cima, assim. Valia um estudo certinho para escrever da maneira com que eles falam para que isso fique registrado daqui a

⁴⁵ Atriz e repórter carioca.

20, 30 anos. Bate na mão de alguém, assim, “Olha, que interessante como as pessoas falavam, como essas pessoas falavam no Alto do Refúgio Recife em 2020”, tá ligado? Então, fica pra aí um desejo também, escrito como...

Priscila: Bennê, ótimo você falar isso e trazer essa reflexão porque a gente tá numa disciplina sobre história oral. Então, assim, tudo a ver. Eu não sei se provavelmente não, não foi intencional, mas eu acho que essa sua última fala conversa muito com a disciplina, assim sabe? Eu acho que é uma reflexão legal e é legal ouvir isso de uma quadrinista. Então, assim, foi perfeito isso, com tudo que a gente está fazendo aqui.

Bennê: Ah, bom ajudar, gente, é isso! Fica aí anotado como projeto de futuro. Assim, eu realmente tenho esse interesse de transformar essas linguagens, manter essas linguagens quase catalogadas, sabe? Mas não de uma maneira tão séria com um catálogo, mas registradas através de quadrinho.

Janaína: Linguagem não como piada, né? Porque às vezes a pessoa que pensa que é piada, o sotaque nordestino, paulistano, entendeu? Mas não é!

Bennê: É até uma conversa que tive com o próprio Paulo Moreira que essa parada da galera querer fazer, ser consultor de sotaque alheio, sabe? Dizer assim “Não, mas você tinha que fazer desse jeito” e querendo fazer com que o artista caia nos estereótipos do sotaque. E tipo, não é porque a pessoa nordestina que ela não... ela não consegue se comunicar com clareza ou que ela não fale as palavras com perfeição, é só uma diferenciação do som, sabe? E é importante registrar isso também como diálogo comum, não como um elemento cômico, não como um elemento de “Ai! Trazemos aqui um quadrinho regional, de histórias regionais”, mas como um pedaço de Brasil, enquanto pedaço de Brasil. E tirar um pouco essa lógica do que é um quadrinho regional, sabe? Todos os lugares são regiões. Então, eu mesmo, eu cometo muito *bullying* com Ingrid — eu não peço nenhuma desculpa por isso! — Ingrid às vezes vem falando com um sotaque comum de uma pessoa comum, mas como eu escuto pouco, e Ingrid é a única pessoa que eu conheço de São Paulo — fora Jessy, que também é de São Paulo, mas Ingrid é da capital — eu fico com muita vontade de tirar onda, vocês não têm noção, eu me privo, eu me privo da tiração de onda. Fico muito na vontade de tirar onda porque às vezes eu imagino que a galera tem essa sensação de que quando o nordestino vai para São Paulo ele é... ele sofre tiração de onda pelo sotaque mas uma pessoa de São Paulo

vai para Recife, não tenha nenhuma dúvida de que você não vai ser *mangado*, caçoado até você não suportar mais. Você só precisa estar com um grupo bom, você só precisa estar com a galera boa, se você não tiver com uma galera mais classe média alta, se tiver com uma população mais comum, a galera vai arrear quilos de você. É também por uma questão de, por parte, por uma questão de manter... manter um pouco de orgulho pessoal, mantém um pouco de autoestima, né? Que a gente sabe que a gente sofre preconceito, aí a gente devolve o preconceito mesmo. Esse negócio de amor... paz e amor, é só para mãe e Jesus Cristo, entendeu? Eu não vou... o resto é pra você ficar suave mesmo, que se dane. Eu cometo, eu cometo esse preconceito, eu faço de propósito, eu faço de propósito, eu sei. É uma qualidade minha? Não. É um defeito, mas é um defeito que eu me proponho a manter pelo resto da minha vida. Por quê? Pelo entretenimento, pelo meu próprio entendimento, que às vezes a pessoa tem que ser maligna também. Então, eu de forma nenhuma me preocupo com isso. Mas eu acho que é esse exercício de tornar sotaques mais comuns, sabe? Tipo, eu por exemplo, eu não conheço tudo de ouvido. Eu sempre me confundo quando escuto paraense falando. Eu sempre me confundo quando eu escuto um paraense. Tem alguma coisa no paraense que é familiar, mas alguma coisa no paraense que é distante. Então, tipo, eu fico um pouco confusa quando eu escuto. Raramente eu penso assim “Ah! É do Pará”, porque eu tenho uma pouquíssima exposição. E se fosse para te dizer quantos conteúdos audiovisuais eu vi com atores paraenses... são muito poucos, então, assim, eu acho que o Brasil ainda tá meio longe e vale a pena a gente conhecer o Brasil, sabe, conhecer o Brasil. Gente estamos exaustos. Vamos acabar essa reunião, eu vou acabar essa reunião agora que eu estou exausta.

Ingrid: Eu ia acabar ela, tava só esperando você acabar de falar. Porque qualquer porta que eu mando no grupo, “porta”, “boa tarde”, nossa! Eu recebo muitas risadas. [Risos de Bennê e Janaína] Ó aí ó! Entretenimento de novo.

Janaína: Por que você foi falar, *boy*, logo “porta”. [Risos]

Ingrid: “Porta”! Não, estou forçando um pouco, mas eu não consigo, não é tão fácil não, né?

Bennê: Num é, tem situação que me faz rir muito, que é agora quando ela pega o livro, ela tá lendo o livro Crepúsculo, ela começa a ler as frases do Edward e eu fico [pausa para rir]. Eu fico imaginando ele falando do jeito que tu fala e eu perco tudo,, eu perco tudo, eu fico com muita vontade...

Ingrid: Agora eu estou encerrando essa reunião, hein? Tchau, gente, muito obrigada a todos os envolvidos aqui, muito obrigada a Bennê, muito obrigada a Janaína. E é isso gente, “boa tarrde”!

Bennê: “Boa tarrde”! [Risos]

Ingrid: Alguém quer falar mais alguma coisa gente?

Bennê: Não ninguém quer falar mais nada! Mais de duas horas, ninguém tem mais nada a dizer, acabou!

Ingrid: Será??

Bennê: Abre uma cerveja agora!

Ingrid: Jessy já está aqui perguntando se a gente morreu. Sim, então é hora de dar tchau, pessoal! Muito obrigada mesmo, gente, tchau! Eu vou falar com vocês sobre o pós.

Vinicius: Mano, papo antes, aguardo vocês em São Paulo para a gente tomar uma breja, trocar ideia [Comemorações] ou eu em Recife, né? Que é onde eu vou visitar meu mano aí de Caruaru. E é do ladinho, né, umas duas horinhas de carro.

Ingrid: Não, agora que eu imaginei o Recife inteiro me zuando, você vai ter que vir para cá tomar a cerveja, eu não quero!

Bennê: Ninguém vai fazer isso na sua cara, mas quando você for embora vai ficar “tarrde!”.

Ingrid: Tchau, gente. Muito obrigada!

Vinicius: Tchau, gente. Obrigado, boa noite!